



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**O ESTUDO DA VARIAÇÃO TEU/SEU: UMA ANÁLISE DOS POSSESSIVOS A PARTIR
DE ESQUETES HUMORÍSTICOS**

Brenda Gonçalves Tosi

Rio de Janeiro

2021

BRENDA GONÇALVES TOSI

O ESTUDO DA VARIAÇÃO TEU/SEU: UMA ANÁLISE DOS POSSESSIVOS A PARTIR
DE ESQUETES HUMORÍSTICOS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na
habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof.º Dr. Thiago Laurentino de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2021

AGRADECIMENTOS

Graduar-se, por si só, é uma missão árdua. Graduar-se durante uma pandemia é, além de árduo, fatigante e desanimador. Apesar disso, com muita pujança, estou aqui. Importante dizer que eu não estaria onde estou sem aqueles que me acompanham e me assistem. Aqueles que se fazem presentes e que me ofertam apoio e afeto constantemente. Deixo registrado aqui, minha homenagem a vocês que me ajudaram, de forma direta ou indireta, a concluir a minha primeira graduação.

Agradeço à minha mãe Eleni, por toda a paciência, companheirismo e amor. Obrigada por ser minha maior e melhor amiga, sempre disposta a me ouvir e me amparar. Agradeço ao meu pai Roberto, que sempre exigiu o máximo de mim, mesmo quando eu não sabia que eu teria mais para dar. Obrigada por sempre acreditar no meu potencial. Agradeço também ao meu irmão Rennan, que sempre me serviu de exemplo de sucesso, inteligência e tenacidade. Nossas diferenças me ensinaram muito. Reconheço também a importância da minha parceira e namorada Brenda, que me acompanhou de perto nesses momentos finais e cruciais da minha jornada, oferecendo sempre um ombro ou um abraço que pudesse acalmar e neutralizar meu desânimo.

Ademais, agradeço não só a minha família nuclear, mas a todos os meus tios, tias, primos, primas, avôs e avós que acreditaram em mim e no meu êxito. Em especial, agradeço ao meu tio Elcio, à minha tia Adriana e à minha prima Nathália. Sou muito grata pela amizade tão grande que criamos, obrigada por todos os momentos e por serem tão fantásticos comigo. Por fim, e nunca menos importante, agradeço a minha eterna vó Leta, que me ensinou quase tudo que eu sei sobre o amor e sobre o cuidado. Sinto sua falta todos os dias e sei que ela amaria ter me acompanhado por toda essa jornada.

Agradeço também aos meus amigos, que foram muito essenciais na minha jornada até aqui. Agradeço as minhas amigas Marcela e Paula. Seria impossível mensurar a importância de vocês para mim. Nós nos aproximamos no início da graduação e desde então fizemos todo esse percurso juntas, dividindo não só as nossas alegrias e satisfações, mas também nossas angústias e preocupações. Vocês foram imprescindíveis para que eu chegasse até aqui. Sou muito grata por todas as pessoas maravilhosas que eu conheci durante a graduação, a turma LEJ de 2016.2 marcará para sempre minha jornada acadêmica. Em

especial, agradeço também pelo companheirismo e amizade da Beatriz e da Ingrid, obrigada por sempre me ajudarem. Não poderia deixar de agradecer também, às minhas amigas de infância e de vida que me acompanham por anos e sempre vibram com as minhas vitórias. Muito obrigada Evelyn, Laís, Letícia, Natália, Nathália e Nathasha. Sou extremamente grata pela companhia de vocês. Eu amo ver vocês crescendo. Agradeço também às minhas amigas de formação, que fizeram parte dos melhores e mais difíceis anos da minha vida. Sou muito grata a vocês, Camila, Paula, Talita, Thayane e Yasmin, muito obrigada pelas tardes de filme, risadas, música e cantoria.

Seria impossível nomear todos os amigos que me influenciaram de alguma forma a chegar até aqui, porém agradeço também as amigadas que me acompanharam por grande parte da minha jornada. Ainda que não estejam mais comigo, sou grata pela influência, pelo companheirismo e pela força. Em memória, agradeço também ao meu amigo de infância Yuri Reis, que infelizmente veio a falecer no ano de 2020. Foi uma grande perda e serei eternamente grata por todos os momentos que vivemos juntos. Você era cheio de vida e de luz, e agora nos resta um grande vazio cheio de saudade.

Agradeço aos meus professores da graduação. Durante toda essa jornada eu aprendi muito, mas não apenas sobre a língua portuguesa e a língua inglesa, mas sobre mim. Eu me tornei uma escritora melhor, uma leitora melhor, uma aluna melhor, uma professora melhor e uma pessoa melhor. Satisfeita em dizer que dentro de sala de aula eu aprendi muito mais do que eu esperava. Agradeço em especial aos professores Aline Ponciano, Bernardo Oliveira, Célia Lopes, Diogo Pinheiro, João Tavares, Leonor Werneck, Lucas Pugliesi, Maria Lucia e Ruan Nunes. Todos vocês foram extremamente solícitos, afetuosos e me deixaram ainda mais apaixonada pela graduação.

Por fim, agradeço ao meu orientador Thiago Laurentino por me acolher, me orientar e me assistir durante o caos. Ao procurar o Thiago eu não esperava o tanto de amparo que recebi. Sou muito grata por tê-lo como orientador. Thiago é, para mim, um grande exemplo de intelecto e perseverança, ele faz de tudo um pouco, e sendo uma exceção, faz um pouco de tudo muito bem. Além de ser um ótimo profissional, é também um ser humano incrível. Vejo que Thiago faz tudo com inteligência e amor, e dessa forma não encontrará outro resultado senão o êxito. Obrigada pela companhia, pelo carinho e por acreditar em mim. Ansiosa para a nossa próxima jornada. Agradeço por cada orientação, cada auxílio e por me tranquilizar nesses tempos difíceis.

“Mas a poesia deste momento inunda minha vida inteira.”

Ana Cristina César

TOSI, Brenda Gonçalves. *O estudo da variação teu/seu: uma análise dos possessivos a partir de esquetes humorísticos*. Monografia. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2021

RESUMO

Esta monografia objetiva analisar a variação existente entre os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu* e *seu* (e flexões) com a intenção de descrever, a partir de uma análise sincrônica, como se dá a distribuição dessas variantes pronominais no português brasileiro – tendo como enfoque principal a variedade carioca. Para tal, consideramos para a nossa investigação tanto os aspectos linguísticos quanto os aspectos extralinguísticos dessa variação, que foram analisados a partir dos pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 2006 [1968]). Para a realização desta pesquisa, um conjunto de 362 esquetes humorísticos do coletivo *Porta dos Fundos* – um dos maiores canais do YouTube Brasil – foram analisados. Com isso, foram coletadas 773 ocorrências das formas possessivas, que formam o *corpus* a ser analisado no presente trabalho. Os resultados foram obtidos após submetermos os dados à análise de regra variável (“*Binomial, Up and Down*”) no programa *GoldVarb X*. Os resultados para a variação dos possessivos *teu* e *seu* de segunda pessoa do singular apontam para algumas direções: há uma estreita relação entre o uso dos pronomes de tratamento *você* e *tu* e os pronomes possessivos *teu* e *seu*, considerando que o uso do possessivo *teu* foi favorecido quando o pronome de tratamento *tu* era utilizado na posição de sujeito; a forma possessiva *teu* foi mais produtiva na fala dos atores cariocas; houve uma preferência pelo emprego do possessivo *teu* em contextos nos quais havia mais intimidade e proximidade entre os interlocutores; o pronome possessivo *teu* foi mais produtivo na fala dos atores do sexo masculino, enquanto o pronome *seu* é mais produtivo na fala dos atrizes do sexo feminino; por fim, a forma possessiva *teu* foi mais produtiva nos contextos nos quais o nome possuído tinha traço semântico [+animado], enquanto o pronome *seu* foi mais produtivo nos contextos nos quais ele acompanha um nome possuído com traço semântico [-animado].

PALAVRAS-CHAVE: variação linguística; possessivos; esquetes humorísticos; 2ª pessoa.

TOSI, Brenda Gonçalves. *O estudo da variação teu/seu: uma análise do comportamento dos possessivos a partir de esquetes humorísticas*. Monografia. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2021

ABSTRACT

This undergraduate thesis intends to analyze the variation between the second-person singular possessive pronouns *teu* and *seu* (and inflections). Intending to describe, from a synchronic analysis, how the distribution of these pronominal variants occurs in Brazilian Portuguese – keeping the main focus on the Rio de Janeiro variety -. We will consider for our investigation, both the linguistic and the extralinguistic aspects of this variation, which were analyzed from the assumptions of variationist sociolinguistics (LABOV, 1994; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 2006 [1968]). To carry out this research, a set of 362 humorous sketches by the *Porta dos Fundos* collective - one of the largest YouTube channels in Brazil - were analyzed, between the period of December 20, 2018 and April 19, 2021. With this, were collected 773 occurrences of possessive forms, which compose the corpus to be analyzed in this work. The results were obtained after submitting the data to variable rule analysis ("Binomial, Up and Down") in the GoldVarb X program. It is possible to state that the results for the variation of the possessives *teu* and *seu* of second person singular points to some directions, being these: there is strong connection between the use of the treatment pronouns *você* and *tu* and the possessive pronouns *seu* and *teu*, whereas the use of the possessive *teu* will be favored if the treatment pronoun *tu* is used in the subject position; the possessive form *teu* is more productive in the carioca dialect; there is a greater preference for using the possessive *teu* in contexts where there is a greater level of intimacy and proximity between the interlocutors; the possessive pronoun *teu* is more productive in the speech of male actors, while the pronoun *seu* is more productive in the speech of female actresses; and finally, the possessive form *teu* would be more productive in contexts in which the possessed is animate, while the pronoun *seu* would be more productive in contexts in which it accompanies a possessed with a [inanimate] feature.

KEYWORDS: linguistic variation; possessive; humorous sketches; 2nd person.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Revisão bibliográfica.....	13
2.1. Tradição gramatical.....	13
2.2. Alguns estudos sobre o tema.....	17
3. Pressupostos Teóricos e Metodológicos.....	27
3.1. Princípios básicos da Sociolinguística Variacionista.....	27
3.2. Metodologia.....	28
3.2.1. <i>O corpus: Trabalhando com esquetes humorísticos.....</i>	29
3.2.2. <i>O corpus: os atores e atrizes.....</i>	30
4. Pronomes possessivos: descrição e análise dos dados.....	32
4.1. A variável dependente e suas variantes.....	32
4.2. As variantes independentes controladas.....	32
4.2.1. <i>Variáveis independentes linguísticas.....</i>	32
4.2.2. <i>Variáveis independentes extralinguísticas.....</i>	39
4.3. Resultados gerais	45
4.3.1. <i>A forma de tratamento utilizada na posição de sujeito.....</i>	46
4.3.2. <i>A naturalidade dos atores/das atrizes.....</i>	48
4.3.3. <i>A relação interpessoal estabelecida no episódio.....</i>	49
4.3.4. <i>Sexo dos atores/das atrizes.....</i>	50
4.3.5. <i>A animacidade do nome possuído.....</i>	53
5. Considerações finais	54
6. Referências bibliográficas	57
7. Anexos	59

1. Introdução

Este estudo se propõe a investigar, a partir de uma perspectiva sincrônica, a variação das formas possessivas pronominais *teu* e *seu* referindo-se à segunda pessoa do singular do Português Brasileiro. Para tal, foram analisados 362 esquetes humorísticos do coletivo *Porta dos Fundos*, um dos maiores canais do *YouTube* Brasil, entre o período de vinte de dezembro de dois mil e dezoito até dezoito de abril de dois mil e vinte um. Coletamos um total de 773 dados, que foram analisados à luz da sociolinguística variacionista, uma vez que assumimos que as formas possessivas *teu* e *seu* estão em variação no PB. Sendo assim, o objetivo principal da pesquisa é examinar a variação entre as formas possessivas *teu* e *seu*, observando quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem o uso de uma estratégia possessiva em detrimento de outra. Abaixo, vejamos dois exemplos dos pronomes possessivos em questão retirados de nosso *corpus*:

(01) Forma possessiva *seu*

a. “Você lava a [*sua* boca] para falar de político brasileiro!” (Episódio: Que passa?)

(02) Forma possessiva *teu*

b. “Eu também odeio esse cheiro que está saindo da [*tua* boca].” (Episódio: Dia mais feliz da vida)

A partir dos resultados da pesquisa, pretendemos responder duas questões fundamentais: (i) como se dá a distribuição das formas variantes *teu* e *seu* na sincronia atual? e (ii) quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação entre os possessivos *teu* e *seu*? Isto posto, nossa hipótese central, em conformidade com os estudos de Machado (2001), prevê que encontremos um quadro de variação linguística intensa entre os possessivos, com o predomínio da forma *seu* sobre a forma *teu*. Além desta, formulamos outras hipóteses referentes aos fatores de natureza linguística e de natureza extralinguística, a considerar que é esperado que essas variáveis motivem a variação entre os pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*.

No que se refere ao grupo das variáveis linguísticas, hipotetizamos, em consonância com as pesquisas anteriores (MACHADO, 2011; PEREIRA, 2016; LOPES *et al.*, 2018), que a variável *a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito* condiciona o uso das variáveis, e é esperado e o uso da forma possessiva *teu* seja preferível nos contextos nos quais a forma de tratamento *tu* ou *tu/você* for utilizada. Quanto *a variável a animacidade do possuído*, em conformidade com os resultados de Pereira (2016), esperamos encontrar um quadro de favorecimento da forma possessiva *teu* quando esta estiver acompanhando um possuído com o

traço [animado]. Em contrapartida, é esperado que a forma *seu* seja preferível em contextos nos quais o pronome estiver acompanhando um possuído de traço [inanimado].

Em relação ao grupo das variáveis extralinguísticas, esperamos, em conformidade com os estudos anteriormente realizados acerca do fenômeno em questão (PEREIRA, 2016), que em relação à variável *o sexo dos atores/das atrizes*, encontremos uma maior preferência do uso do possessivo *seu* pelas atrizes do sexo feminino e uma maior preferência do uso da forma possessiva *teu* pelos atores do sexo masculino. Quanto à *variável a naturalidade dos atores/das atrizes*, em consonância com a pesquisa de Lopes et al (2018), esperamos encontrar uma maior preferência de uso do pronome *teu* pelos falantes do Rio de Janeiro. E por fim, no que tange a *variável a relação interpessoal estabelecida no episódio*, é esperado, em conformidade com os estudos realizados acerca do fenômeno variável em questão (ARDUIN, 2005; PEREIRA, 2016), de que haja uma maior preferência do emprego do possessivo *teu* em contextos nos quais há um maior nível de intimidade e proximidade entre os interlocutores.

Para iniciar a análise do fenômeno em questão, será feita uma revisão bibliográfica na primeira seção. Nesta, serão revisitados alguns trabalhos já produzidos acerca do assunto. Primeiramente, como de praxe nos estudos da área de linguística e língua portuguesa, revisitaremos materiais produzidos pela tradição gramatical. A fim de observar como as gramáticas dos autores Bechara (2009), Cunha & Cintra (2017) e Rocha Lima (2011) apresentam as estratégias linguísticas possessivas. Com isso, analisaremos a descrição tradicional acerca dos quadros pronominais dispostos nas obras, traçando o que os gramáticos definem como formas possessivas que fazem referência à 2ª pessoa.

Em seguida, comentaremos a respeito dos estudos de Soares (1999), Arduin (2005), Machado (2011) e Pereira (2016), autores que pesquisaram sobre o fenômeno em questão. Pereira (2016), em especial, possui um extenso material acerca das formas simples possessivas em voga, logo, é de suma importância que esse material seja revisitado. Os estudos mencionados serão revisitados para que possamos explorar seus resultados e assim, considerarmos as contribuições e as limitações de cada pesquisa sobre a temática em pauta.

Após a revisão do tema, na seção subsequente, será apresentada brevemente a fundamentação teórica escolhida para a realização do estudo. Falaremos acerca dos pilares fundamentais da sociolinguística, e apresentaremos os motivos pelos quais adotamos essa perspectiva teórica. Em seguida, dissertaremos acerca da metodologia, descrevendo os passos seguidos para a realização do estudo. Falaremos sobre o gênero esquete, presente no *corpus*

escolhido para analisar as formas possessivas no PB atual. Em seguida, comentaremos também sobre os atores e atrizes que participaram dos esquetes e produziram as ocorrências das formas possessivas.

Para a realização do presente trabalho, teremos como base o quadro teórico-metodológico da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 1968). Sendo assim, seguiremos uma ordem lógica, a começar pela coleta dos dados, depois será criado um conjunto de variáveis a serem analisadas, que mais tarde serão codificadas. Ademais, as frequências e os valores de peso relativo serão gerados a partir do programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Na quarta seção do trabalho, serão apresentadas as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que foram controladas. Nesse estudo, selecionamos doze grupos de fatores a serem analisados em relação à variação das formas possessivas *teu* e *seu*, sendo eles: (i) *O gênero do possessivo*, (ii) *o número do possessivo*, (iii) *a posição do pronome em relação ao nome modificado*, (iv) *a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito*, (v) *a função sintática do nome possuído*, (vi) *o tipo semântico de posse*, (vii) *a animacidade do nome possuído*, (viii) *a concretude do nome possuído*, (ix) *o sexo dos atores/das atrizes*, (x) *a naturalidade dos atores/das atrizes*, (xi) *a relação interpessoal estabelecida no episódio* e (xii) *a forma de diálogo estabelecida na cena*.

Depois, se iniciarão as seções destinadas à apresentação dos resultados. Além disso, apresentaremos cada grupo de fatores, pontuando por qual motivo ele se mostrou relevante para o fenômeno em questão. Por fim, serão feitas as nossas considerações finais, que sintetizam os resultados e conclusões acerca do fenômeno da variação das formas possessivas *teu* e *seu*.

2. Revisão bibliográfica

Nesta seção, serão analisados os quadros possessivos presentes em algumas gramáticas tradicionais (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2017; ROCHA LIMA, 2011). Além disso, revisitarei alguns trabalhos (SOARES, 1999; ARDUIN, 2005; MACHADO, 2011; PEREIRA, 2016) que discorrem sobre a variação dos pronomes de 2ª pessoa do singular *teu* e *seu*. Ao analisar a tradição gramatical, a intenção será verificar o que essas obras registram sobre o tema, além de examinar quais são as explicações apresentadas por cada autor no que se refere aos pronomes possessivos de 2ª pessoa do singular. Outros estudos sobre o tema também serão analisados, com o intuito de verificar quais são os apontamentos feitos pelos autores acerca desse fenômeno variável em questão.

Este estudo, por ser de natureza linguística, pretende visitar as gramáticas tradicionais por uma questão de investigação. É importante que revisitemos as normas acerca do uso da língua padrão e que saibamos o que a tradição gramatical produziu sobre o assunto em voga, que são os pronomes possessivos *teu* e *seu* fazendo referência à 2ª pessoa.

2.1. Tradição gramatical

Ainda que existam na língua ocorrências de uso da forma possessiva *seu* com referência ao interlocutor, as gramáticas tradicionais, como as de Bechara (2009), Cunha & Cintra (2017) e Rocha Lima (2011), adotam um quadro pronominal no qual apenas a forma do possessivo simples *teu* é apresentada como o pronome de 2ª pessoa, sendo a forma do possessivo *seu* inserida exclusivamente como pronome de 3ª pessoa. No quadro 1, observemos o quadro possessivo-pronominal que aparece nas três obras gramaticais citadas:

Pronomes possessivos		
Número	Pessoa	
Singular	1ª	meu, minha, meus, minhas
	2ª	teu, tua, teus, tuas
	3ª	seu, sua, seus, suas
Plural	1ª	nosso, nossa, nossos, nossas
	2ª	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª	seu, sua, seus, suas

Quadro 1: A distribuição dos pronomes possessivos nas gramáticas tradicionais.

Bechara (2009), em sua gramática *Moderna Gramática Portuguesa*, define os pronomes possessivos como “os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso” (BECHARA, 2009, p.166) e apresenta o mesmo quadro possessivo-pronominal

exposto no quadro 1. Depois, em outra seção de sua obra, o autor comenta sobre a ambiguidade da forma possessiva *seu*, que pode se referir à 2ª e à 3ª pessoa, podendo ser então substituída pelas formas *dele* (*e flexões*), *de você* e *do senhor*, para que essa ambivalência semântica deixe de existir. A fim de exemplificar este fenômeno, o autor apresenta a seguinte frase: “José, Pedro levou o seu chapéu.” (BECHARA, 2009, p.181).

Neste contexto, segundo Bechara, o possessivo *seu*, por assumir uma posição de ambiguidade, não esclarece quem realmente possui o chapéu, se é Pedro ou José. Com isso, o autor sugere que existe mais de uma interpretação aceita pelos falantes a respeito da forma possessiva *seu*, além da que ele prevê em seu quadro pronominal. Ao mencionar a ambivalência do possessivo *seu*, o autor, ainda que de forma não explícita, reconhece que essa forma possessiva pode ser interpretada fazendo referência à segunda ou terceira pessoa.

Em seguida, o gramático discute brevemente as posições que o pronome possessivo poderia assumir, sendo estas: anteposta ao possuído (*Tuas preocupações*) ou posposta ao possuído (*Recebi cartas suas*). Ele também discorre sobre a possibilidade da utilização do possessivo para indicar aproximação, estando junto a números (*Era já homem de seus quarenta anos*), ou para expressar algum valor de afetividade, como em “*Meu presidente, todos o esperam*” (Bechara, 2009, p.184), ou funcionar como uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*, como a expressão “*ao pé de mim*”.

Bechara também comenta outras formas de expressar possessividade, como através do uso de uma locução (*Os problemas que temos*), ou pela substituição de um possessivo por um artigo definido (*Ele perdeu o juízo*). Além disso, comenta sobre o emprego do pronome de 3ª pessoa para se referir a um possuidor de sentido indefinido, como em “(...) a gente, às vezes, tem cá as **suas** birras (...)” [AH.4, II, 158 *apud* BECHARA, 2009, p. 185], sobre a estratégia de repetição do possessivo, como em: “*Foi tua dignidade real, a tua justiça, o teu nome* (...)” e, por fim, acerca do possessivo *seu* de 3ª pessoa do singular para fazer referência a um possuidor de expressão de tratamento como *vossa excelência*, *vossa majestade*, *vossa senhoria* entre outros (“*Vossa Excelência conseguiu realizar todos os seus propósitos* [e não: todos os vossos propósitos]”) (BECHARA, 2009, p.186).

Já na obra *Gramática do Português Contemporâneo*, Cunha & Cintra (2017) apontam que “os pronomes possessivos acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse” (CUNHA & CINTRA, 2017, p. 227). Além disso, descrevem que os possessivos podem apresentar três séries de formas, a depender da pessoa a que se referem. Segundo os autores, essas formas vão variar de acordo com o gênero e número da coisa possuída, e com

o número de pessoas representadas no possuidor. Sendo assim, eles apresentam o mesmo quadro pronominal, exposto acima como Quadro 1, colocando o *teu* como forma possessiva de 2ª pessoa do singular, e a forma *seu* exclusivamente como 3ª pessoa do singular e do plural.

Depois, os gramáticos discorrem acerca de outras características dos pronomes possessivos, algumas também citadas na gramática de Bechara, como o emprego ambíguo do possessivo *seu* de 3ª pessoa, a posição que o pronome pode assumir em relação ao substantivo possuído, o uso do possessivo para expressar valores como aproximação numérica, designar um hábito, ou até expressar valores afetivos como intimidade, simpatia, ironia e entre outros. Cunha & Cintra também comentam sobre a concordância dos possessivos, considerando que estes concordam “em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e em pessoa, com o possuidor do objeto em causa” (CUNHA & CINTRA, 2017, p. 228).

Além disso, os autores citam como os possessivos podem ser reforçados. O valor de posse dos pronomes nem sempre se mostra suficientemente forte, logo, quando há necessidade de reforçar a ideia de posse – visando uma maior clareza ou ênfase –, costuma-se reforçá-los utilizando-se das palavras *próprio* ou *mesmo*, como em: “(...) que eu acho a vida em **tua própria** morte.” (GUIMARÃES PASSOS, VS, 46. *Apud* CUNHA & CINTRA, 2017, p. 230) e “Era ela mesma; eram os **seus mesmos** braços.” (MACHADO DE ASSIS, OC, II, 484. *Apud* CUNHA & CINTRA, 2017, p. 230). Ou até mesmo com a forma possessiva perifrástica *dele* (e flexões), como em: “Montaigne explica pelo **seu** modo **dele** a variedade deste livro.” (MACHADO DE ASSIS, OC, II, 556. *Apud* CUNHA & CINTRA, 2017, p. 230). Por fim, diferentemente de Bechara (2009), Cunha & Cintra (2017) dissertam brevemente sobre a substantivação dos possessivos, que pode ocorrer tanto no singular – pertencente a apenas uma pessoa – (“A rapariga não tinha um minuto de seu.” [ALBERTO RANGEL, IV, 61. *Apud* CUNHA & CINTRA, 2017, p. 231]), ou no plural – pertencente a mais de uma pessoa – (Não me podia a Sorte dar guarida/ Por não ser eu dos seus.” [FERNANDO PESSOA, OP, 12. *Apud* CUNHA & CINTRA, 2017, p. 231]).

Na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* de Rocha Lima (2011), a abordagem acerca das formas possessivas não se mostra muito diferente. O gramático define os pronomes possessivos como “palavras que fazem referência às pessoas do discurso, apresentando-as como possuidoras de alguma coisa.” (ROCHA LIMA, 2011, p.159) e o quadro possessivo-pronominal é o mesmo das gramáticas citadas anteriormente. Quadro este

que classifica o *seu* apenas como forma possessiva de 3ª pessoa do singular e plural, e *teu* como a única forma possessiva de 2ª pessoa do singular.

Com relação às características dos possessivos, Rocha Lima prescreve quase as mesmas individualidades dos possessivos que vimos nas duas gramáticas mencionadas. O autor destaca seus aspectos de concordância – a forma possessiva concorda em número e grau com a coisa possuída e com o possuidor –, comenta também sobre sua relação com as pessoas gramaticais ou com as expressões de tratamento e explicita quais posições o pronome possessivo pode assumir, seja anteposto ao possuído ou posposto.

Além disso, Rocha Lima discute sobre o aparecimento das formas possessivas sendo precedidas por um artigo (“*Entrou na casa que era a sua*”), sobre a questão da concordância, na qual “Um só possessivo pode determinar vários substantivos, em concordância com o que lhe esteja mais próximo” (ROCHA LIMA, 2011, p.398) e sobre a possível ambiguidade presente no uso dos possessivos *seu*, *sua*, *seus* e *suas*. O autor também não recomenda o uso excessivo das formas possessivas e indica que estas podem ser excelentemente substituídas por pronomes oblíquos quando na função de “objeto indireto de posse”, como em: “Morre! Morrem-te às mãos às pedras desejadas” (OLAVO BILAC *apud* ROCHA LIMA, 2011, p.398).

Por fim, é possível dizer que a tradição gramatical – com base nas três gramáticas citadas anteriormente - não reconhece o uso da forma possessiva *seu* fazendo referência à segunda pessoa do singular. Ainda que os autores tenham mencionado a ambiguidade da forma possessiva *seu* e nos tenham revelado mais de uma interpretação possível do possessivo, nas obras não consta nenhuma informação de que o possessivo *seu* poderia ser entendido como uma forma capaz de fazer referência à segunda pessoa, considerando que esta possibilidade não é mencionada em nenhuma das gramáticas. Além de não estar inclusa nos quadros possessivos-pronominais, esse seu possível uso não é sequer mencionado.

É importante dizer que a intenção da tradição gramatical é pontuar quais são as formas de uso padrão na língua, considerando especialmente a modalidade escrita. E essas formas de uso padrão, muitas vezes, se referem a um padrão lusitano, que se encontra muito distante da realidade linguística brasileira. Sendo assim, algumas formas que se mostram produtivas na fala brasileira – nesse caso, a forma *seu* fazendo referência à 2ª pessoa –, frequentemente não são inclusas em seu material.

Entretanto, a descrição da gramática tradicional não é única, e existem diversos estudos linguísticos que reconhecem os diferentes usos dessas formas possessivas que se

mostram extremamente produtivas, tanto na fala quanto na escrita. Sendo assim, citaremos na próxima seção, alguns trabalhos (SOARES, 1999; ARDUIN, 2005; MACHADO, 2011; PEREIRA, 2016) que observaram o comportamento das formas possessivas *teu* e *seu*.

2.2. Alguns estudos sobre o tema

No que tange aos estudos sobre os pronomes possessivos, é possível encontrar uma grande variedade de pesquisas (PERINI, 1985; KATO, 1985), principalmente a respeito dos possessivos que fazem referência à 3ª pessoa (SILVA, 1984; LACERDA, 2010; GUEDES, 2015; LOPES & GUEDES, 2020). Entretanto, quando tratamos sobre o fenômeno variável das formas possessivas de 2ª pessoa *teu* e *seu*, a literatura sobre o tema é bem restrita.

Kato (1985) e Perini (1985) são autores que falam do sistema dos possessivos como um todo. Eles buscam examinar a organização dos sintagmas possessivos no “português atual” em seus artigos da década de 1980, além de mostrar que esse sistema possessivo estaria sendo largamente determinado pelas necessidades de comunicação. Kato (1985), na verdade, constrói uma réplica ao trabalho de Perini (1985) tecendo suas percepções e sugestões do que poderia ser mais aprofundado a respeito dessa análise tradicional feita pelo autor.

Nas próximas seções, revisitaremos brevemente os trabalhos de Soares (1999) e Arduin (2005), além de explorar as teses de Machado (2011) e Pereira (2016), autoras que mapearam, a partir de uma perspectiva diacrônica, o comportamento das formas possessivas *teu* e *seu* em peças teatrais e cartas pessoais dos séculos XIX e XX.

2.2.1. Soares (1999)

Soares (1999), em sua dissertação *Segunda e Terceira Pessoa – O pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*, procura descrever com base na observação do corpus do banco de dados do VARSUL (um banco de dados que reúne ocorrências de fala de localidades sócio e culturalmente significativas de três Estados do Sul do Brasil), de que forma os fatores linguísticos e extralinguísticos poderiam condicionar o uso, na língua oral, dos pronomes *teu*, *seu*, *de você* e *do senhor* – para a segunda pessoa – e *seu* e *dele* (e suas respectivas reflexões) para a terceira. Para tal, o autor analisa dados de quatro cidades do Paraná: Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco.

Dentre os fatores analisados, o autor investiga os seguintes fatores linguísticos: *posição do pronome possessivo no sintagma nominal, identificação do referente e o valor semântico do possessivo*. E quanto os fatores extralinguísticos analisados são analisados: *a idade, o sexo, a escolaridade e a etnia* dos falantes. Necessário destacar, que como se trata de uma investigação pautada nos falantes da região sul, alguns resultados vão se distanciar da pesquisa em questão, considerando que o olhar de Soares (1999) tem como enfoque a realidade linguística do português falado nas cidades pertencentes ao *corpus* do Estado do Paraná.

Ainda assim, como seu estudo investigou quais variáveis poderiam influenciar na distribuição das formas possessivas de segunda pessoa *teu* e *seu*, é importante que esse material seja revisitado. Em Soares (1999), as seguintes variáveis foram selecionadas como relevantes: colonização (a depender de qual povo colonizou a região), faixa etária, sexo, escolaridade, referente, posição do SN e valor semântico. Quanto a colonização, Soares (1999) afirma que “podemos observar que a colonização das cidades de Pato Branco e Londrina (gaúcho-catarinense e mineiro-paulista respectivamente) influencia, de alguma forma, quando da escolha dos possessivos *teu/seu*.” (SOARES, 1999, p.94).

Sendo assim, de acordo com os resultados do autor, em Curitiba há um certo favorecimento para que ocorra o uso da forma possessiva *seu*, já em Itarati, segundo Soares (1999) “o peso atribuído ao pronome *teu* é respaldado pelo número de ocorrências. Esse peso nos revela, então, que esta cidade pode ser considerada uma zona conservadora, tendo em vista a restrição deste pronome a apenas algumas regiões, em termos de Brasil.” (SOARES, 1999, p. 94).

Quanto às variáveis sexo, faixa etária e grau de escolarização Soares (1999) conclui que “(...) a primeira faixa etária do sexo feminino e com o maior grau de escolarização prefere a forma *teu* enquanto que os informantes da segunda faixa etária do sexo masculino e com o menor grau de escolarização preferem a forma *seu*.”. Em relação aos fatores linguísticos (identificação do referente, posição do pronome no SN e o valor semântico do possessivo), o autor observou que a forma possessiva *teu* (e flexões) foi geralmente utilizado de forma indeterminada/genérica, já a forma possessiva *seu* foi utilizada de modo determinado/específico.

Além disso, o autor afirma que “em relação à posição do pronome no sintagma nominal, verificamos que o pronome *teu* foi mais utilizado precedido de artigo que o possessivo *seu* e que ambos ocorreram, quase que de maneira geral, em posição anteposta

ao substantivo.” (SOARES, 1999, p. 95). Já em relação ao valor semântico do possessivo, Soares (1999) constatou que “com o pronome possessivo *teu* há favorecimento para com aquelas ocorrências em que este pronome se refere às *partes do corpo* (posse inalienável) do possuidor e também há favorecimento para que ele ocorra em referência a *relação de parentesco* entre o *possuído* e o *possuidor*.” (SOARES, 1999, p. 95). E por fim, o autor menciona que a análise das ocorrências revelou que quando os referentes se relacionavam com as características psicológicas/físicas do possuído, este era um ambiente favorecedor para o aparecimento do possessivo *teu*.

Em síntese, esse trabalho foi revisitado para que pudéssemos coletar algumas contribuições do autor sobre o assunto, além disso, é importante que haja uma comparação entre os sistemas linguísticos (RJ *versus* PR), tendo em vista que somente assim, poderemos estabelecer algumas similaridades e diferenças entre eles.

2.2.2. Arduin (2005)

Arduin (2005), em sua dissertação *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*, analisou, à luz do banco de dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil), a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu* nas cidades de Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Porto Alegre e São Borja. Para fins de análise, 14 variáveis foram analisadas, sendo elas: *peçoas do discurso, paralelismo formal, alternância dos pronomes tu e você nas entrevistas, animacidade do referente, posição do pronome em relação ao nome, tipo de discurso, discurso reportado, pessoa do discurso reportado, relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores, interlocução entre as peçoas do discurso reportado* (sendo essas as variáveis linguísticas e estilísticas), e *faixa etária, sexo, escolaridade e região/etnia* (e sendo essas as variáveis extralingüísticas).

Para a análise, foram utilizadas 192 entrevistas pertencentes ao banco de VARSUL, com o objetivo central de procurar uma explicação para os diferentes usos dos pronomes possessivos *teu* e *seu* nas cidades analisadas, além de contribuir com a descrição do português falado na região Sul do Brasil e relatar a atual distribuição destes pronomes possessivos. A autora, tinha como hipótese principal de que “há variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa em nossos dados, sendo que o possessivo *teu* deve ser utilizado com maior frequência, uma vez que nessas regiões o pronome *tu* ainda resiste como

pronome pessoal de segunda pessoa” (GUIMARÃES, 1979; RAMOS, 1989; LOREGIAN, 1996; LOREGIANPENKAL, 2004; *apud* ARDUIN, 2005, p.11).

Além disso, Arduin (2005) esperava encontrar um quadro no qual a variação fosse motivada socialmente, mostrando um favorecimento da forma *teu* na fala das mulheres e de pessoas mais jovens, ou evidenciando que quantos mais anos de escolarização menor o uso de *tu* e *seu/ você* e *teu*, e por fim, expor que a depender da localidade, um uso será preferido em detrimento de outro, sendo assim, a autora prevê que “quanto mais a localidade utilizar o pronome *tu* maior será o uso de *teu*.” (ARDUIN, 1999, p.12).

Quanto as influências linguísticas e estilísticas, a autora previa que a variação

“2 – é motivada linguisticamente

a) está associada ao paralelismo formal: quanto maior o uso de *tu* maior o de *teu*;
b) está associada à posição do possessivo em relação ao nome: *teu* deve vir anteposto ao nome;

c) está associada ao tipo de discurso (genérico ou específico): os discursos específicos devem preferir o possessivo *teu*;

3 – é motivada estilisticamente:

a) o que está regendo a variação dos possessivos *teu* e *seu* são as questões de poder e solidariedade existentes entre os interlocutores;

b) o possessivo *teu* deve ser mais utilizado nas relações simétricas e nas relações assimétricas de superior para inferior;

c) quanto ao discurso reportado, esperamos encontrar a forma *seu* nos discursos de pessoas não-próximas.” (ARDUIN, 2005, p. 12).

Em relação as variáveis selecionadas, Arduin (2005), a partir de seus resultados obtidos, pôde afirmar que a variação dos possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*, a partir do corpus analisado, é linguisticamente, estilisticamente e socialmente motivada. No que tange a variável linguística *paralelismo formal*, a autora constata que “a presença do pronome *tu* exerce influência no uso do possessivo *teu*, já a presença do pronome *você* age como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*.” (ARDUIN, 2005, p. 116). Quanto à variação estilisticamente motivada, Arduin (2005) conclui que “O uso do possessivo *teu* é favorecido em relações assimétricas de *superior para inferior* e nas relações simétricas *entre iguais*.” (ARDUIN, 2005, p. 116).

Além disso, com relação à variável pessoa do *discurso reportado*, a autora verificou que “a forma *teu* é favorecida nos discursos do próprio informante e no discurso de pessoa próxima.” (ARDUIN, 2005, p. 117). Quanto às variáveis extralinguísticas, Arduin (2005) conclui, a partir de seus resultados, que “As mulheres e os informantes mais jovens tendem a utilizar a variante *teu*.” (ARDUIN, 2005, p.117). E quanto à escolaridade, a autora afirma que “o nível ginásial indicou alta tendência de uso do possessivo *teu*” (ARDUIN, 2005, p.117).

Em síntese, o estudo de Arduin (2005) apresenta resultados quanto à variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa na fala da região Sul do Brasil, distanciando assim, do enfoque principal de nosso trabalho. Entretanto, é de grande importância de que esse material seja revisitado e analisado, para que possamos observar as contribuições feitas pela autora para o tema em voga.

2.2.3. Machado (2011)

Machado (2011), em sua tese *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*, analisou o comportamento das formas de tratamento ao interlocutor no Português brasileiro e europeu em diferentes contextos morfossintáticos. Para isso, a autora selecionou 29 peças teatrais escritas ao longo desse período, a fim de escrever a trajetória dos sistemas de formas de tratamento dessas variedades, e apresentar motivações para tais mudanças, comparando as variedades e evidenciando algumas mudanças linguísticas encaixadas nestas transformações.

Machado (2011) ao analisar as 14 peças da amostra brasileira, encontrou a seguinte distribuição das formas de tratamento na posição de sujeito ao longo do tempo: é possível dizer que há um predomínio da forma de tratamento *tu* do meado do século XIX até as primeiras décadas do século XX. No ano de 1937, a forma de tratamento *você* passa a ser a mais empregada, suplantando o pronome *tu*. Essa dinâmica pode ser observada no gráfico abaixo:

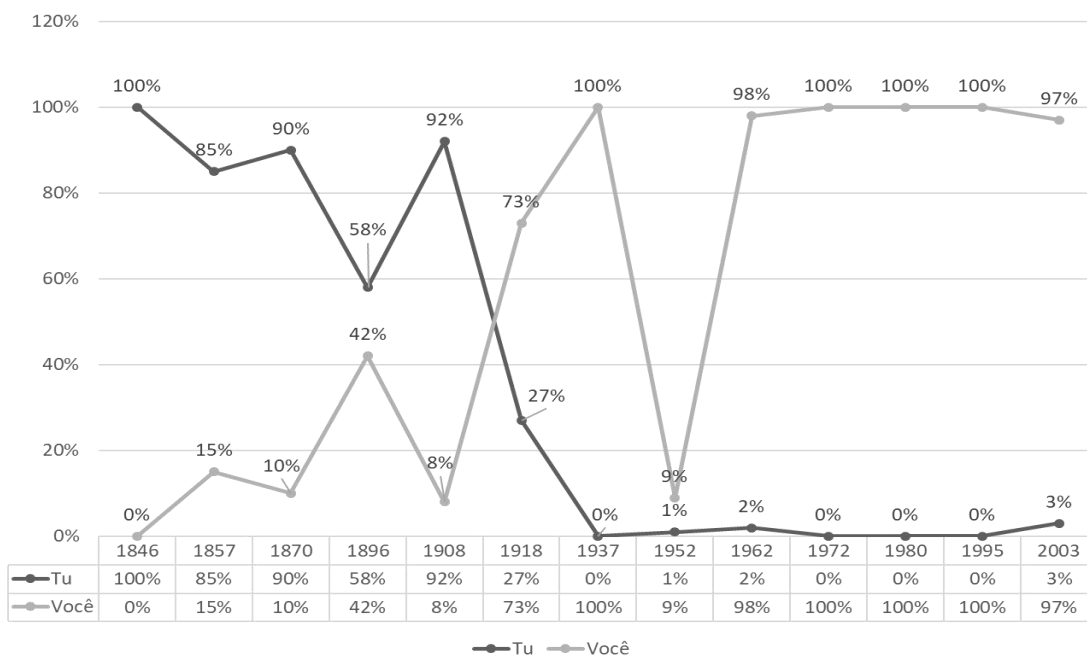


Gráfico 1: Frequência do uso de *tu* e *você* em peças teatrais brasileiras analisadas por Machado (2011)
(gráfico extraído de Pereira, 2016, p. 72)

Além de controlar a frequência do uso de *tu* e *você* na posição de sujeito, Machado (2011) também controlou as formas possessivas *teu*, *seu* e *vosso* a fim de relacionar os seus usos com a inserção da forma *você* no quadro pronominal. Isto é, a autora buscava analisar se o aumento do uso do pronome *você* na posição de sujeito teria influenciado o uso das formas possessivas simples, como o *teu* e o *seu*. Segue abaixo as tabelas com a distribuição de *teu* e *seu* ao longo do tempo, na amostra brasileira em Machado (2011):

<i>Data</i>	<i>Forma de Tratamento</i>	
	<i>Teu (e flexões)</i>	<i>Seu (e flexões)</i>
1846	18/22 – 82%	4/22 – 18%
1857	52/92 – 57%	40/92 – 43%
1870	4/16 – 25%	12/16 – 75%
1870*	10/19 – 53%	9/19 – 47%
1896	2/24 – 8%	22/24 – 92%
1908	43/94 – 46%	51/94 – 54%
1918	9/95 – 9%	86/95 – 91%
1937	0/93 - 0%	93/93 - 100%
1952	3/78 – 4%	75/78 – 96%
1962	11/90 – 12%	79/90 – 88%
1972	2/88 – 2%	86/88 – 98%
1980	0/85 – 0%	85/85 - 100%
1995	08/126 – 6%	118/126 – 94%
2003	12/37 – 32%	25/37 – 68%

Tabela 1: A distribuição de *teu* e *seu* ao longo do tempo, na amostra brasileira em Machado (2011), adaptado (tabela extraída de Pereira, 2016, p. 104)

Machado (2011), a considerar a amostra brasileira, encontrou 959 ocorrências de possessivos, sendo 785 dados de *seu* (85%) e 174 dados de *teu*. Após sua análise, Machado percebeu que os pronomes possessivos se comportam de formas diferentes, a depender se as peças foram produzidas por autores brasileiros ou portugueses. A distribuição das formas possessivas no século XX na amostra portuguesa é o inverso dos resultados encontrados na amostra brasileira. Na amostra portuguesa, por exemplo, o pronome possessivo *seu* não

apresenta um crescimento gradual, considerando que essa forma já se mostra bem produtiva no início e meio do século XIX.

Por fim, após a investigação da autora, é possível dizer que o uso da forma possessiva *seu* como uma estratégia de referência à 2ª pessoa, e não à terceira – como é descrito pela tradição gramatical –, ocorre, justamente, por conta da inserção de *você* no quadro pronominal. Tal suposição se confirma, uma vez que o uso de *teu* se mostrara como o mais produtivo antes da década de 1930, e logo após essa década, o uso de *seu* se tornou majoritário.

2.2.4. Pereira (2016)

Pereira (2016), em sua tese *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*, também analisa a variação existente entre as formas possessivas *teu* e *seu* diacronicamente no português brasileiro. Ademais, a autora busca explicar o que motiva tal variação, observando, em especial, o comportamento do pronome *seu*. Para tanto, ela analisou o fenômeno variável em questão a partir de cartas pessoais brasileiras produzidas entre os séculos XIX e XX (1870 – 1970). Ao todo, foram 363 cartas examinadas, e a maior parte das missivas

“(…) foi recolhida no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (Família Penna, Família Land Avelar, Família Pedreira Ferraz-Magalhães, Família Cupertino, Família Brandão), já as cartas da Família Cruz foram obtidas através do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Casa de Oswaldo Cruz (COC), também no Rio de Janeiro. As demais missivas foram retiradas do acervo do Projeto Labor Histórico (Família Lacerda, “Jayme e Maria, casal dos anos 30”, Acervo Washington Luis, Amostra Robertina de Souza e Casal Ottoni).” (PEREIRA, 2016, p.39)

A partir da análise das cartas, Pereira (2016) levantou 1.376 ocorrências de formas possessivas simples, sendo 335 dados de *seu* (24%) e 1.041 dados de *teu* (76%). Vejamos no gráfico 2 o mapeamento da distribuição dos pronomes possessivos *teu* e *seu* ao longo da diacronia considerada:

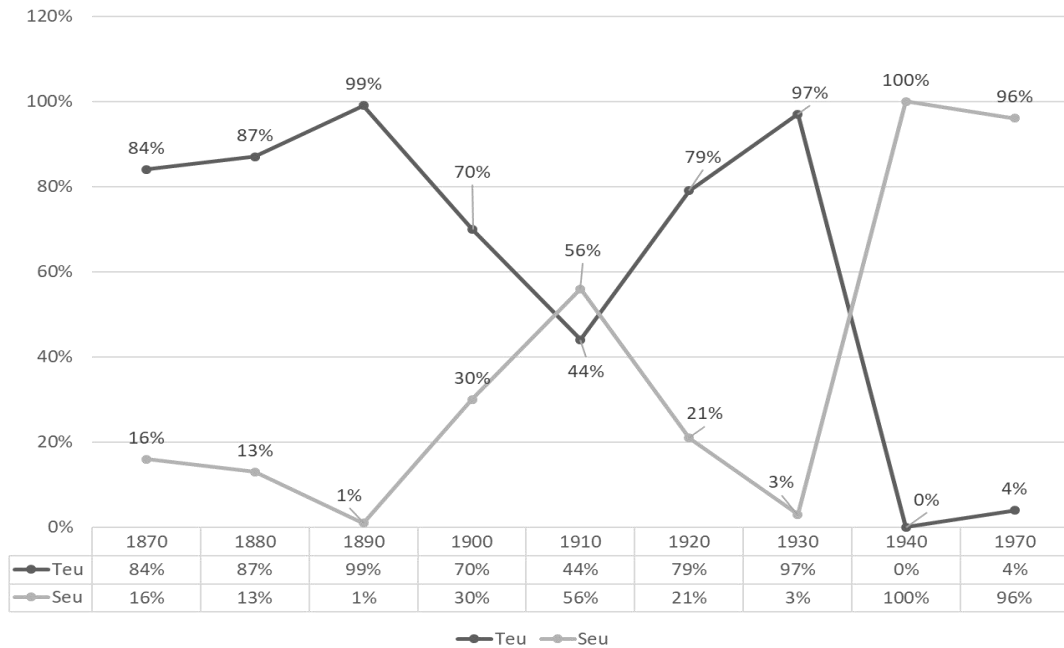


Gráfico 2: Frequência do uso de *teu* e *seu* ao longo da diacronia analisada em peças teatrais brasileiras (adaptado de Pereira, 2016)

Pereira (2016), para realizar a análise quantitativa e qualitativa dos dados, baseou-se nos pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 1968). Sendo assim, a autora controlou fatores linguísticos e extralinguísticos, a fim de verificar quais variáveis poderiam influenciar a variação entre *seu* e *teu*. As variáveis linguísticas controladas por ela foram: *número da forma possessiva*, *gênero da forma possessiva*, *referente do possessivo*, *correlação entre sujeito e possessivo (simetria do tratamento)*, *pronome sujeito mais próximo*, *tipo de posse*, *animacidade do sintagma possessivo*, *posição do possessivo em relação ao nome e localização do possessivo no documento*. Além disso, a pesquisadora também controlou as variáveis extralinguísticas *gênero*, *faixa etária*, *parentesco dos missivistas*, *período*, *o subgênero da carta particular e localidade*.

Após o levantamento e codificação dos dados, Pereira (2016) utilizou o programa *GoldVarb X* para realizar a análise quantitativa das ocorrências. Na análise estatística, dez dentre os quinze fatores controlados foram selecionados. Entre os fatores selecionados, estão: *sujeito na totalidade da carta*, *tipo de posse*, *traço de gênero do possessivo e animacidade do sintagma possessivo*, *período histórico*, *gênero*, *faixa etária*, *parentesco*, *subgênero da carta particular e localidade da carta*.

Em relação ao fator *sujeito na totalidade da carta*, conforme mostra a pesquisa de Pereira (2016), o uso dos pronomes possessivos está estreitamente ligado ao uso do pronome

sujeito utilizado nas missivas. Tendo em vista que “nas cartas em que havia o emprego exclusivo do pronome *tu* houve a utilização da forma possessiva *teu*, ao passo que nas cartas cujo sujeito era *você*, havia o emprego de *seu*.” (Pereira, 2016, p. 174). Segundo a autora, é possível afirmar que a entrada de *você* no quadro pronominal desencadeia uma série de mudanças pronominais que já ocorreram ou continuam ocorrendo no sistema. Entretanto, segundo a autora, não é possível dizer categoricamente que a forma possessiva *seu* acompanha a entrada do pronome *você* no sistema pronominal, porém é observável que o pronome *seu* só passa a referir-se à segunda pessoa a partir do momento em que o pronome *você* entra no sistema pronominal como uma variante de *tu*.

Quanto a variável *tipo de posse*, foi percebido em Pereira (2016) que a forma possessiva *seu* se mostra mais produtiva com posses alienáveis e posses com seu sentido estendido. Já os contextos de posse inalienável se mostraram mais resistentes à forma possessiva *seu* fazendo referência à segunda pessoa. No que se refere à *animacidade do sintagma possessivo*, o resultado de Pereira (2016) corrobora o estudo de Huerta Flores (2009), no qual esta autora associa o uso do pronome possessivo *seu* – fazendo referência à 2ª pessoa – a sintagmas com traço [inanimado].

Em relação ao *período histórico*, Pereira (2016, p. 175) afirma que “a inserção da forma *você* no quadro de pronomes do português brasileiro foi crucial para que *seu* seja uma forma produtiva.”. Ao analisar a variável *gênero*, Pereira (2016) encontra um resultado alinhado com o princípio Ia de Labov (1994), no qual afirma que as mulheres, durante um processo de mudança linguística, tendem a ir em direção ao prestígio, utilizando-se de formas linguísticas prestigiadas ou menos estigmatizadas. Considerando o fenômeno variável em questão, como o pronome *seu* se mostrava bem produtivo em cartas de autoria feminina, logo, esse era um indicativo de que a forma *seu* tinha um certo prestígio.

Ao observar a variável *faixa etária*, Pereira (2016) encontrou um resultado já esperado:

“a implementação de *seu* no trato ao interlocutor é uma mudança em progresso, os jovens apareceram no corpus como inovadores, por favorecerem o uso dessa variante. Por outro lado, os adultos são os maiores desfavorecedores ao emprego de *seu*, passando a empregá-lo de forma disseminada e desmotivada apenas na fase 3, ou seja, quando *seu* tem utilização majoritária na amostra. Na análise variável, os idosos aparecem como favorecedores ao uso de *seu*, mas uma análise mais minuciosa mostrou que tal favorecimento se dá no período de 1870-1899, em que o emprego desse possessivo ainda está relacionado ao uso de *você* motivado e prestigioso.” (PEREIRA, 2016, p. 176).

Quanto ao *parentesco*, a autora afirma que, ao analisar as missivas ao longo de um século, não foi possível encontrar as mesmas relações de parentesco na amostra, entretanto, os resultados indicam um crescimento sutil do pronome possessivo *seu*, tanto nas relações simétricas quanto nas assimétricas ascendentes e descendentes estabelecidas. Além disso, o resultado da investigação a respeito do *subgênero da carta particular*, segundo a autora, corroboraram os resultados normalmente encontrados nas análises de outros subtipos pronominais, como os dativos. Sendo assim, as cartas amorosas mostraram-se como desfavorecedoras do emprego de *seu*, as cartas pessoais – trocadas entre amigos – tanto favorecem quanto desfavorecem o uso do pronome *seu*, e as cartas familiares – na amostra – favorecem o emprego de *seu*.

Por fim, temos a *localidade da carta*, variável que se mostrou bastante dependente das outras analisadas na amostra, especialmente da variável *sujeito da totalidade da carta*. Sendo assim, controlar o sujeito que aparecia nas cartas mostrou-se mais relevante do que identificar onde a carta fora escrita. Além disso, os resultados encontrados a partir da amostra não dialogaram com os resultados sincrônicos sobre variação pronominal e localidade. É importante dizer que todos os missivistas eram oriundos ou viveram maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, então o que as diferenciava, quanto à localidade, é que elas apenas foram escritas em lugares distintos.

Sendo assim, após revisitar o estudo de Pereira (2016), é possível perceber o quanto sua pesquisa contribuiu para a criação desta monografia e para a investigação do fenômeno variável dos pronomes possessivos *teu* e *seu* como um todo. É um extenso conjunto de informações que nos permitiu tecer hipóteses e previsões para uma pesquisa sincrônica. Na seção subsequente, apresentarei os pressupostos teóricos e metodológicos que me serviram de base para a construção do presente trabalho.

3. Pressupostos teóricos e metodológicos

3.1. Princípios básicos da sociolinguística variacionista

Na década de 1960, ocorre um momento de grande virada para os estudos linguísticos, com o surgimento de uma corrente linguística que se preocuparia com a língua em seu uso real, “voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.” (MOLLICA, 2020, p.9). Essa vertente, que viria a ficar conhecida como sociolinguística, é hoje “uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso, no seio das comunidades de fala (...)” (MOLLICA, 2020, p.9). Seus traços interdisciplinares, que vinculam a língua e o social, contrariavam as correntes do século XX existentes até então, como o estruturalismo e o gerativismo. Tendo em vista que estas correntes entendiam a língua como uma entidade abstrata, homogênea, unitária e autônoma. Em contrapartida, a sociolinguística variacionista propunha uma visão de língua como um objeto heterogêneo, dinâmico e que possui a mudança como seu aspecto inerente e fundamental.

A intenção deste estudo, proposto inicialmente por Weinreich, Labov e Herzog (1968), era de recuperar a concepção de que a língua e a sociedade são noções inseparáveis, buscando entender quais são os principais fatores que poderiam motivar uma variação linguística. Segundo Cezario e Votre (2020), “a abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia” (CEZARIO; VOTRE, 2020, p. 142). Para melhor compreender essa variação, os estudos sociolinguísticos trabalham a partir de dois fatores principais: os fatores de natureza linguística e os fatores de natureza extralinguística. Os fatores de natureza linguística correspondem a tudo que diz respeito à estrutura interna da língua, como a morfologia, a sintaxe, a semântica, a fonologia e entre outros. Já os fatores de natureza extralinguística correspondem aos fatores de ordem social, como o nível de escolaridade do falante, o sexo do falante, a naturalidade do falante, a idade, dentre outros aspectos.

Tendo esses dois fatores como ponto de partida, a intenção é observar qual a relevância de cada um deles na variação de um fenômeno, isto é, se esses fatores poderiam motivar ou inibir a variação ou a mudança de um fenômeno linguístico. Além disso, a partir do controle dessas variáveis, poderíamos perceber se um processo de variação linguística é estável ou vai em direção à mudança dentro de uma determinada comunidade de fala. Dessa forma, considerando que estamos assumindo a variabilidade do fenômeno em questão, isto é, a alternância entre os pronomes possessivos *teu* e *seu*, é importante dizer que a alternância entre essas formas possessivas envolve os mesmos contextos linguísticos e, ainda assim, não gerar

mudança no significado, ou seja, a substituição de uma variante por outra em um enunciado não altera o valor de verdade.

Tendo em vista as motivações apresentadas, a vertente da sociolinguística variacionista se mostra como a adequada para embasar teoricamente as questões a serem investigadas acerca da variação entre as formas possessivas de 2ª pessoa do singular *teu* e *seu*. Estamos nos utilizando de uma teoria linguística que analisa processos de variação; dessa forma, é entendido que o nosso objeto de estudo está sujeito a condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Faz-se necessário que analisemos este fenômeno a partir de uma vertente que veja a língua como um sistema heterogêneo e dinâmico, que sempre está em constante mudança, um pressuposto teórico que entenda a variação como algo sistemático e inerente à língua.

3.2. Metodologia

O *corpus* selecionado para a realização deste estudo foram os esquetes humorísticos do canal *Porta dos Fundos*, disponíveis no *YouTube*. Inicialmente, com a finalidade de facilitar a análise dos dados, entramos em contato por e-mail com a produtora do canal, a fim de obter os roteiros dos vídeos, para que assim pudéssemos encontrar as ocorrências dos pronomes possessivos em análise de forma mais simples. Com isso, nos foi informado que o coletivo, ao elaborar os esquetes, não fazia uso de roteiros, o que é explicável pelo gênero, considerando que este apenas prevê um tema a ser desenvolvido de forma improvisada. Além disso, por conta da ausência de roteiros, nos afirmaram que o único conteúdo escrito que poderiam nos disponibilizar seria o arquivo de legendas, que seriam transcrições automáticas e mais atualizadas dos vídeos.

Com o intuito de obter uma análise dos dados mais aproximada de uma fala espontânea, decidimos realizar a nossa própria transcrição, observando o que os atores efetivamente produziram nos vídeos disponíveis do canal do coletivo *Porta dos Fundos*. Para a análise, foram analisados 362 vídeos, nos quais apenas 267 continham dados das formas possessivas de 2ª pessoa *teu* e *seu*. Ao assistir aos episódios disponibilizados no próprio canal, toda vez que encontrávamos um dado, parávamos a exibição do esquete e transcrevíamos o enunciado que continha esse dado em um documento do *Microsoft Word*. Para obter um controle geral dos vídeos, anotávamos junto à transcrição da frase/enunciado que continha o dado, o nome do vídeo, sua data, um breve resumo da história do esquete e, além disso, eram registradas e contabilizadas as formas de tratamento utilizadas na posição de sujeito por cada ator presente no esquete. Depois, as transcrições das falas foram copiadas para um arquivo de

planilha do *Microsoft Excel*, na qual podíamos controlar todas as variáveis independentes dispostas no presente trabalho (como o *gênero do possessivo*, a *animacidade do nome possuído*, o *sexo dos atores/das atrizes* dentre outras).

Sendo assim, os dados do *corpus* escolhido são baseados nas transcrições das falas que foram efetivamente produzidas pelos próprios atores, com a intenção de se aproximar ao máximo do que seria um uso mais espontâneo da língua. É importante dizer que o programa *Microsoft Excel* também nos auxiliou na criação dos gráficos e tabelas, além de permitir a codificação dos dados. Depois de codificados, analisamos os dados no programa estatístico-computacional *GoldVarb X*, que nos forneceu o cálculo das frequências percentuais e a análise quantitativa dos dados.

3.2.1. O corpus: trabalhando com esquetes humorísticas

Os dados reunidos para esta análise foram coletados a partir de um conjunto de 362 esquetes humorísticos do canal *Porta dos Fundos*, disponíveis no *YouTube*. O esquete é um gênero oral que, segundo Travaglia (2017), reúne as seguintes características:

- “a) ele é uma peça teatral curta. Há inclusive quem determine uma duração máxima de dez minutos para um esquete;
- b) ele é apresentado em lugares diversos: teatro, teatro de revista, circos, cafés-concerto, televisão, rádio, escolas, igrejas, empresas etc.;
- c) ele é referido como geralmente cômico, humorístico;
- d) ele é comumente parodístico sobre algo, mostrando o ridículo desse algo o que se relaciona diretamente com seu aspecto humorístico e com os objetivos do humor de criticar e denunciar.
- e) ele comumente tem um viés satírico.” (TRAVAGLIA, 2017. p.117)

Ainda que os vídeos sejam de caráter oral, é preciso destacar que o *corpus* apresenta algumas limitações. A produção dos enunciados presentes nas cenas não se configura, exatamente, como usos espontâneos da língua, uma vez que os esquetes pertencem ao universo dos gêneros dramáticos/teatrais e correspondem, portanto, a dados de “fala representada”. Além disso, o gênero é característico por possuir um caráter humorístico; assim, poderão ocorrer usos linguísticos demasiadamente estereotipados e marcados.

Contudo, ainda que o gênero esquete seja constituído por diálogos previamente roteirizados, este “foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana” (TRAVAGLIA *et al.*, 2013, p. 4 *apud* TRAVAGLIA, 2017). Sendo assim, sua variante escrita existe apenas como uma concepção do que deve ser representado, enquanto parte significativa da performance teatral do vídeo é construída a partir de uma interlocução oral espontânea.

Dessa forma, o único registro escrito que mais se aproxima dos usos orais nos esquetes são as legendas presentes nos vídeos, que são transcrições baseadas no que foi produzido pelos atores durante a gravação das cenas. Ainda assim, durante a coleta dos dados, notamos que, em alguns momentos, a fala dos atores estavam em desacordo com a própria legenda. No episódio *Volta para casa* (28/09/19), por exemplo, o ator Antonio Tabet enuncia a seguinte frase, “Mas e **teus** vizinhos lá?” [2:19] e na legenda a forma possessiva ‘teus’ foi registrada como ‘seus’ (“Mas e **seus** vizinhos lá?”). O mesmo ocorre no vídeo *Saudosista* (11/03/21), no qual o ator Rafael Infante produz oralmente a frase “Se me mandarem uma multa aqui pra casa, eu vou jogar na **tua** conta, hein?” [3:19] e a legenda foi registrada com a forma ‘seu’: “Se me mandarem uma multa aqui pra casa, eu vou jogar na **sua** conta, hein?”, estando assim em desacordo com o dado oral real produzido pelo ator.

Nesse sentido, considerando que o *Porta dos Fundos* é um canal de comédia satírica, ao dramatizar as questões sociais, políticas, econômicas, culturais e ideológicas do tempo presente, a representação buscará se aproximar ao máximo da fala cotidiana, para que assim os espectadores possam se identificar com as situações construídas nos vídeos. É de suma importância que as situações sociocomunicativas a serem analisadas apresentem um caráter dialógico, propiciando o uso de formas possessivas de 2ª pessoa. O gênero oral esquete pressupõe a existência de um emissor e de um receptor, o que desencadeia sequências textuais dialógicas e cria o contexto propício para o uso das formas possessivas de 2ª pessoa por parte dos atores e das atrizes. Assim sendo, apesar de seu caráter cômico, o canal brasileiro *Porta dos Fundos* atende as necessidades desta monografia e revela-se como um significativo material linguístico contemporâneo para a análises sociolinguísticas do português brasileiro.

3.2.2. *O corpus: os atores e as atrizes*

O *corpus* utilizado para esta pesquisa contou com 362 esquetes interpretados por atores brasileiros, sendo 32 atores fluminenses/cariocas e 14 atores de outras localidades do Brasil, como São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Goiás, Mato Grosso, Brasília e Santa Catarina. Fazem parte do *corpus* os seguintes atores: André Fustagno, Antonio Tabet, Camilo Borges, Cid Moreira, Dinho Machado, Dudu Rios, Estevam Nabote, Fabio de Luca, Fabio Porchat, Gabriel Godoy, Gabriel Totoro, Gregório Duvivier, Jefferson S., João Vicente, Joel Vieira, Jorge Hissa, Leandro Ramos, Luis Lobianco, Otaviano Costa, Paulo Vieira, Pedro Benevides, Rafael Infante, Rafael Portugal, Victor Leal e Yuri Marçal. Ademais, fazem parte do *corpus* as seguintes atrizes: Bianca Byington, Carine Klimeck, Evelyn Castro, Fafy Siqueira, Giovanna

Nader, Jordana Morena, Karina Ramil, Letícia Lima, Lívia Dabarian, Luciana Paes, Luiza Ambiel, Manu Cantuária, Maria Bopp, Marina Wilson, Miá Melo, Nathalia Cruz, Noemia Oliveira, Paula Jubé, Tania Queiroz, Thamirys Borsan e Thatiane Lopes. Em anexo, serão colocadas duas tabelas com o número de ocorrências das formas possessivas produzidas por cada ator/atriz.

É importante destacar que o *corpus* selecionado é composto por um conjunto de pessoas específicas, considerando que todos são atores, maiores de idade e possuem o ensino médio completo. Além disso, é possível perceber a diferença do número de ocorrências para cada emissor, tendo em vista que alguns se destacam por serem os maiores produtores de dados. Dos 46 atores que aparecem nos vídeos analisados, 13 deles compõem o elenco principal do coletivo; por isso, atores como Rafael Portugal e Evelyn Castro apresentaram um número maior de dados, considerando que estes, por pertencerem ao elenco fixo, atuam em mais esquetes. Em contrapartida, o número reduzido de dados produzidos por atrizes como Thamirys Borsan e Manu Cantuária se justifica pela ausência das atrizes na maioria dos vídeos, considerando que essas não fazem parte do elenco principal do canal e aparecem como convidadas em episódios específicos.

O *corpus* é, pois, bem diversificado, com esquetes que apresentam temáticas variadas, contendo cenas que representam interações dialógicas entre amigos, casais, conhecidos, desconhecidos, colegas de trabalho e familiares. Além disso, os diálogos se estabelecem de diferentes formas: em duplas (apenas duas pessoas na cena), em grupo (mais de duas pessoas presentes na cena), em público (interações com o público, através da encenação de uma gravação de *stories*, vídeo para o *YouTube*, gravação de *vlog* ou *live*) ou em contexto televisivo (interações com o público, através da encenação de gravação de um programa de TV, comercial de TV ou entrevista).

Após essas considerações teóricas e metodológicas da presente monografia, passemos, na próxima seção, para a descrição e análise dos dados.

4. Pronomes possessivos: descrição e análise dos dados

Nesta seção, serão apresentadas as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que foram controladas para o estudo da variação entre *teu* e *seu* nos esquetes humorísticos. Depois de descrever os grupos de fatores examinados, serão explorados os resultados quantitativos da análise multivariada, obtidos com o auxílio do GoldVarb-X.

4.1. A variável dependente e suas variantes

A variável dependente investigada na presente monografia é a expressão pronominal possessiva de 2ª pessoa do singular, que se realiza através das variantes *teu* e *seu* (e flexões). Os exemplos abaixo ilustram essas variantes em enunciados extraídos do *corpus*:

(03) “Da [*sua* família], você não vai falar, não, Osmar?” (Episódio: Família sem filtros – Despedida de Osmar)

(04) ““Tu vai falar qual é a vacina da dengue ou eu acabo contigo e com a [*tua* família]. ” (Episódio: Zé gotinha)

4.2. As variáveis independentes controladas

Foram controladas doze variáveis independentes, sendo oito delas linguísticas e quatro extralinguísticas. Dentre as variáveis linguísticas independentes, foram analisadas: o gênero do possessivo, o número do possessivo, a posição do pronome em relação ao nome modificado, a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito, a função sintática do nome possuído, o tipo semântico de posse, a animacidade do nome possuído e a concretude do nome possuído. Dentre as variáveis extralinguísticas independentes, foram analisadas: o sexo dos atores/das atrizes, a naturalidade dos atores/atrizes, a relação interpessoal estabelecida no episódio e a situação de diálogo estabelecida na cena. Descrevemos, nos tópicos subsequentes, cada uma dessas variáveis.

4.2.1. Variáveis independentes linguísticas

(i) O gênero do possessivo

As formas possessivas *teu* e *seu* se flexionam quanto ao gênero do possuído. Ainda que não haja uma hipótese específica para essa variável, a flexão de gênero dos possessivos

foi controlada para que pudéssemos observar a frequência de uso das formas possessivas com os nomes possuídos do gênero feminino ou masculino. Além disso, é importante que haja o controle quantitativo das formas flexionadas do possessivo, para que possamos analisar se esse fator influencia ou não a alternância entre as formas possessivas *teu* e *seu*. Os exemplos abaixo ilustram as quatro possibilidades das formas possessivas ao concordar em gênero com o nome possuído:

(05) “Sidley, eu já falei que eu vou transferir o [*seu dinheiro*].” (Episódio: Família sem filtros EP.06 – O resgate)

(06) “Cara, estou quebrado, gastei todo [*teu dinheiro*].” (Episódio: Emprestando)

(07) “Você pode fazer o favor de pegar ele e levar ele pra [*sua casa*].” (Episódio: Família sem filtros EP.09 – Achados e perdidos)

(08) “Você tinha esse ouro assim de bobeira na [*tua casa*].” (Episódio: Reis Magos)

(ii) *O número do possessivo*

As formas possessivas *teu* e *seu* também se flexionam de acordo com o número do possuído. A flexão de número dos possessivos foi controlada para que pudéssemos observar a frequência de uso das formas possessivas com os possuídos flexionados no plural ou no singular. Vale a pena controlar a frequência das formas flexionadas do possessivo - ainda que não exista nenhuma hipótese para o emprego dessa variável -, para que possamos analisar se esse fator exerce alguma influência na variação entre *teu* e *seu*. Vejamos os exemplos abaixo que ilustram as quatro possibilidades das formas possessivas ao concordar em número com o nome possuído.

(09) “Eu vou tentar ligar pro [*seu avô*].” (Episódio: Família sem filtros – Resgate impagável)

(10) “Eu estou falando pra te ajudar porque sou [*tua amiga*], Gisela.” (Episódio: Inimigas)

(11) “Você acha que eu, suas tias, seus tios, [*seus avós*], seus primos do interior somos o quê? Burros?” (Episódio: Clickbait)

(12) “Ele deve ter visto no teu grupo lá com as [*tuas amigas*] piranhas lá.” (Episódio: Virgem)

(iii) *A posição do pronome em relação ao nome modificado*

Dentro da estrutura da sentença, o possessivo pode ocupar diferentes posições. Com isso, observamos, a partir do *corpus* selecionado, as diferentes posições que as variantes possessivas de 2SG ocupavam dentro dos enunciados. Ainda que não tenhamos nenhuma

hipótese para essa variável, a controlamos com o intuito de verificar se alguma configuração sintática específica favoreceria o uso de uma forma possessiva em detrimento da outra.

É preciso destacar que o “lugar canônico do possessivo é anteposto ao nome, a forma posposta é uma forma marcada” (ARDUIN, 2005, p.74), como costuma prescrever a tradição gramatical (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2017; ROCHA LIMA, 2011). Sendo assim, as posições examinadas foram: antes do nome possuído; após o nome possuído; sem o nome possuído (quando este era uma anáfora zero) e na posição de predicativo. A fim de observar se a posição do pronome poderia influenciar o uso das formas possessivas *teu* e *seu*. Seguem alguns exemplos extraídos do *corpus*, com as ocorrências dos possessivos assumindo as posições consideradas:

(13) Antes do nome possuído

- a. “[**Sua** amiga] mentiu, eu nunca tive Tinder”. (Episódio: Floricultura)
- b. “Nossa, que bom ouvir [**tua** voz]” (Episódio: BBB)

(14) Após o nome possuído

- a. “E a vítima era um [amigo **seu**]”. (Episódio: Querido Marcão)
- b. “Me arruma uma fralda, um Tampax, uma [cueca **tua**] serve.” (Episódio: Freada)

(15) Sem o nome possuído

- a. ““Pega [o **celular**]_i do Corona, não pega no [**seu** Ø]_i, não.” (Episódio: Novo normal)
- b. “Não, eu não sei, porque [o meu **inglês**]_i não é que nem o [**teu**]_i.” (Episódio: Turista)

(16) Predicativo

- a. “Beto, [esse Ivermectina] que eu achei ali no banheiro é [**seu**]?” (Episódio: Chato)
- b. “Você sabe que [o meu coração] é [**teu**], né, meu jardim?” (Episódio: Família sem filtros EP.09 – Achados e perdidos)

(iv) *A forma de tratamento utilizada na posição de sujeito*

A variável em questão foi analisada da seguinte forma: os pronomes de tratamento (na posição de sujeito) enunciados pelos atores foram registrados durante a coleta dos dados e, ao final do esquete, foram classificadas quais formas os atores tinham utilizado durante a cena. Após a análise, organizamos essa variável em cinco níveis: tratamento nominal, senhor, tu, você e nenhuma forma de tratamento. Estas foram então separadas em oito grupos: *nominal* (quando o ator/atriz utilizava apenas formas nominais para se referir a outra pessoa), *senhor* (quando o ator/atriz utilizava somente o pronome de tratamento senhor/senhora), *tu* (quando o ator/atriz utilizava somente o pronome de tratamento tu), *você* (quando o ator/atriz utilizava somente o pronome de tratamento você), *zero* (quando o ator/atriz não utilizava nenhuma forma de tratamento explícita), *tu/você/senhor* (quando o ator/atriz utilizava, na mesma cena, os três pronomes), *tu/você* (quando o ator/atriz utilizava

tanto o pronome tu quanto o pronome você) e *você/senhora* (quando o ator/atriz utilizava tanto o pronome você quanto o pronome senhor).

É importante que tenhamos esse controle, para que possamos analisar se as formas de 2SG utilizadas na posição de sujeito influenciam o uso das variantes possessivas de 2SG. Segundo Souza (2012), “(...) entre 1940 e 1970, o *você* suplanta a forma *tu*, ocorrendo como estratégia absoluta de referência ao interlocutor (...)” (SOUZA, 2012, p.137). Sendo assim, de acordo com a autora, a partir da década de 40 é possível notar um relevante crescimento do pronome de tratamento *você* no paradigma de segunda pessoa e, como observamos nos dados Machado (2011) e Pereira (2016), nota-se também, paralelamente, o crescimento de *seu* como estratégia possessiva de segunda pessoa, traçando um forte indicativo de que a entrada de *você* na posição de sujeito gerou um aumento relevante do uso de *seu* como forma possessiva.

Dessa forma, assim como nos trabalhos de Machado (2011) e Pereira (2016), acreditamos que há uma forte correlação entre o aumento do uso de *você* na posição de sujeito e o aumento do uso de *seu* como estratégia possessiva. Outros estudos, como o de Lopes *et al.* (2018), por exemplo, também já discutiram acerca das transformações no quadro dos possessivos de 2ª pessoa do singular que podem estar correlacionadas à entrada de *você* no sistema pronominal. Lopes *et al.* (2018) afirmam que “(...) há uma notável correlação entre a forma utilizada na posição de sujeito e no genitivo, de forma que a presença de *você* no sujeito favorece a ocorrência de *seu*.” (LOPES *et al.*, 2018, p.184).

Posto isto, em consonância com os resultados de Pereira (2016), esperamos encontrar uma intensa correlação entre o uso dos pronomes possessivos e o uso dos pronomes de tratamento na posição de sujeito. Isto é, nossa hipótese é a de que o emprego das formas possessivas *teu* e *seu* está intimamente ligado ao tratamento utilizado na posição de sujeito pelos atores: é esperado que ocorra um favorecimento do pronome *seu* nos esquetes em que a forma *você* aparecer frequentemente na posição de sujeito. Em contrapartida, é esperado que a forma possessiva *teu* seja favorecida nos esquetes em que o pronome *tu* for frequentemente utilizado na posição de sujeito. Abaixo, vejamos alguns exemplos das formas de tratamento assumindo a posição de sujeito:

(17) Pronome *tu* na posição de sujeito

a. “Daqui a pouco do nada *tu* sente escorrendo o melado no [*teu* rosto]” (Episódio: A galinha chorou)

(18) Pronome *você* na posição de sujeito

a. “Falta *você* voltar pra ver como é que ficou a [*sua* casa].” (Episódio: Volta pra casa)

b. “*Você* usa pasta de dente, né, Leo? Qual o sabor da [*tua* pasta]?” (Episódio: Décimo dentista)

(19) Tratamento nominal na posição de sujeito

- a. “**Márcia**, a [**sua** réplica].” (Episódio: Polêmica da semana – Milícia)
- b. “**Seu pastor**, por favor, faz aqueles [**teus** truques]” (Episódio: Me tira daqui)

(v) *A função sintática do nome possuído*

Controlamos também a função sintática dos nomes possuídos que os pronomes possessivos modificavam, com a pretensão de verificar se haveria alguma correlação entre a função sintática dos nomes possuídos e a preferência entre uma das variantes, ainda que não tenhamos nenhuma hipótese para esta variável. Ao todo identificamos a presença de sete funções sintáticas diferentes: adjunto, objeto direto, objeto indireto, oblíquo, predicativo do sujeito, sujeito e tópico. A seguir temos alguns exemplos retirados do *corpus* das formas possessivas assumindo diferentes funções sintáticas a depender do enunciado:

(20) Adjunto

- a. “Falei da comida da [**sua mãe**].” (Episódio: Mecânica Vintage)
- b. “Pedro, o que é isso na boca do [**teu irmão**]?” (Episódio: Tô bem)

(21) Objeto direto

- a. “Você matou [**seu marido**] e está fazendo churrasco?” (Episódio: Querido Marcão)
- b. “Tua filha de sete anos vendendo slime pra pagar [**tuas contas**].” (Episódio: Inimigas)

(22) Objeto indireto

- a. “Aí você tem que perguntar pra [**sua mãe**].” (Episódio: Oxalá)
- b. “Fala para os [**teus seguidores**] que ler é sempre bom.” (Episódio: Unboxing)

(23) Oblíquo

- a. “Ah, comigo? Vai estar na [**sua mesa**] hoje no final do dia” (Episódio: Foco)
- b. “Pelo amor de Deus, o que houve com a [**tua perna**], Jorge?” (Episódio: Viajando)

(24) Predicativo do Sujeito

- a. “Sou o [**seu novo Ministro da Saúde**].” (Episódio: Ministro da saúde)
- b. “Sou [**teu amigo**] há 20 anos” (Episódio: Irmã)

(25) Sujeito

- a. “[**Seu tio**] é Leo Stronda?” (Episódio: Fiador)
- b. “Não posso falar que [**teu corpo**] está empoderado, Júlia?” (Episódio: Desconstruído)

(26) Tópico

- a. “Olha só, [**seus tupperware**].” (Episódio: Primeiro de Abril)
- b. “E, de repente, [**aquele teu Pantanal**] por baixo.” (Episódio: Novo Pantanal)

(vi) *O tipo semântico de posse*

Considerando a diversidade de nomes possuídos encontrados no *corpus*, julgamos importante controlar o tipo semântico de posse presente nos enunciados. Agrupamos os dados em oito tipos de posse: *propriedade* (formado por nomes que representam itens, bens, pertences etc., do possuidor, tais como celular, carro, CPF); *parte do corpo* (formado por nomes que designam membros e regiões da anatomia humana, como mão, dedo e rim);

parentesco (formado por nomes que expressam laços familiares indissociáveis, como mãe, filho e avô); *abstrata* (formado por ideias abstratas e sentimentos, que envolve nomes possuídos como medo, culpa, destino e amizade); *identificação* (formado por nomes possuídos que transmitem a ideia de função, localização e identificação, como emprego, cidade, mesa e lugar); *interpessoal* (formado por relações entre indivíduos e envolve nomes possuídos como amigo, chefe e amante); *origem* (formado por nomes possuídos que são produzidos/criados a partir do possuidor, como voz, vômito e espirro); e *outros* (reúne expressões idiomáticas, nominalizações verbais e usos metafóricos, tais como ‘dar na telha’, ‘abraço’ e ‘bolso’).

Uma das motivações para analisarmos essa variável deve-se ao fato de ela ter sido relevante nos estudos de Soares (1999) e Pereira (2016). Segundo Soares (1999), que também observou a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa,

“Em relação ao valor semântico do possessivo foi constatado que com o pronome possessivo *teu* há favorecimento para com aquelas ocorrências em que este pronome se refere às *partes do corpo* (posse inalienável) do *possuidor* e também há favorecimento para que ele ocorra em referência a *relação de parentesco* entre o *possuído* e o *possuidor*.” (SOARES, 1999, p. 95) [grifos do autor]

Em sua tese, Pereira (2016) também verificou que os diferentes tipos de posse influenciavam a distribuição das formas possessivas *teu* e *seu*. Segundo a autora

“Os resultados apontaram um uso mais produtivo de *seu* com posses alienáveis e posses com seu sentido estendido, o que está intimamente ligado à concretude do nome, ao passo que as posses inalienáveis mostraram-se mais resistentes ao emprego de *seu* como forma de relacionar-se à segunda pessoa. Nesse sentido, é possível afirmar que o pronome *seu*, perdendo os traços de terceira pessoa e, cada vez mais, sendo usado no emprego ao interlocutor, teve seu uso inicialmente marcado nas ditas posses clássicas, ou seja, naquelas em que um bem é transferível a outro possuidor.” (PEREIRA, 2016, p. 174).

Portanto, é importante que essa variável seja controlada, a fim de constatar se ela é relevante para o fenômeno variável das formas possessivas de 2ª pessoa analisado a partir de uma amostra de dados sincrônica atual. A seguir, ilustramos, com dados do *corpus*, os tipos de posse considerados:

(27) Propriedade

- a. "Vamos lá consertar esse [*seu* carrão]" (Episódio: Volta pra casa)
- b. "Eles estão aqui comigo e eles podem voltar pra [*tua* casa] sãos e salvos". (Episódio: Primeiro de Abril)

(28) Parte do corpo

- a. "Eu não vou tocar na [*sua* pele] pelo amor de Deus" (Episódio: Lindo)
- b. "Tava na [*tua* cara] que era o Melchior, gente" (Episódio: Amigo secreto de Jesus)

(29) Parentesco

- a. "Tira [*seu* avô] da piscina." (Episódio: Família sem filtros – Convite emocionante)
- b. "Ô, parou, parou. Abaixa essa arma, eu sou [*teu* pai]!" (Episódio: Mau-caráter)

(30) Abstrata

- a. "É por causa da [*sua* ansiedade], Richard." (Episódio: Missão impossível)
- b. "Você tem que parar com essa [*tua* autoestima], cara." (Episódio: Autoestima)

(31) Identificação

- a. "Mas eu só quero saber o [*seu* nome]" (Episódio: Tá bravo?)
- b. "Eu tenho [*teu* endereço], [*teu* telefone], então não adianta fugir, não. Vamos lá." (Episódio: Não dá mais)

(32) Interpessoal

- a. "Você não está abalada com a morte do [*seu* marido]?" (Episódio: Querido Marcão)
- b. "[*Tua* mulher] te largou pelo Capitão América da festa de aniversário do moleque." (Episódio: Autoestima)

(33) Origem

- a. "Não pode, porque aí é que deve vir a [*sua* dor de cabeça] (..)" (Episódio: Doente de Brasil)
- b. "Já explica, por exemplo, o [*teu* enjoo] matinal." (Episódio: Doente de Brasil)

(34) Outros

- a. "É que você falou até de financiamento, falou que a parcela cabia no [*seu* bolso]." (Episódio: Aventurando)
- b. "Se me mandarem uma multa aqui pra casa, eu vou jogar na [*tua* conta], hein?" (Episódio: Saudosista)

(vii) *A animacidade do nome possuído*

Considerando os nomes possuídos que acompanham as variantes *teu* e *seu*, podemos separá-los em dois grandes grupos quanto ao traço semântico de animacidade: o grupo dos nomes possuídos animados e o grupo dos nomes possuídos inanimados. Essa variável também se mostrou relevante na tese de Pereira (2016), na qual a autora observou que a animacidade do nome possuído influenciava o uso de uma forma possessiva em detrimento de outra. De acordo com Pereira (2016), o pronome possessivo *seu* fazendo referência à segunda pessoa do discurso, tem, cada vez mais o "seu emprego relacionado a sintagmas com traço [inanimado]." (PEREIRA, 2016, p.175). Segundo a autora, esse resultado está em consonância com o estudo de Huerta Flores (2009), que afirma que "o pronome *seu*, à medida que passa a ser empregado na referência à segunda pessoa, é mais utilizado em construções atípicas, isto é, com sintagma possessivo [inanimado]" (PEREIRA, 2016, p.175).

Sendo assim, o efeito dessa variável foi analisado com o intuito de constatar se ela ainda continua se mostrando relevante à luz dos dados da nossa amostra sincrônica atual. Quanto a nossa hipótese, é previsto que a forma possessiva *seu* seja mais produtiva nos contextos nos quais o nome possuído é inanimado, em conformidade com o estudo de Pereira (2016). Quanto ao comportamento do pronome possessivo *teu*, é esperado que este seja preferível nos contextos nos quais o nome possuído é animado. A seguir, encontram-se alguns

exemplos retirados do *corpus* das formas possessivas acompanhando os nomes possuídos animados e inanimados:

(35) Nome possuído animado

- a. "Por favor, por que a senhora não manda o [*seu neto*] para a casa de um vizinho?" (Episódio: Criança esperança)
- b. "Eu quero que você saia daqui e vá buscar [*teus filhos*] no colégio" (Episódio: Dr. Laserman)

(36) Nome possuído inanimado

- a. "Engraçado que o [*seu ecstasy*] tem Ritalina escrito no rótulo!" (Episódio: Coach)
- b. "Vou te dar uma palavra, você me diz a primeira que vem na [*tua cabeça*]." (Episódio: Papo de elevador)

(viii) A concretude do nome possuído

Assim como a animacidade, consideramos importante também analisar o traço semântico de concretude dos nomes possuídos. Essa variável foi dividida em dois grandes grupos: o grupo dos nomes possuídos concretos (isqueiro, casa, cachorro) e o dos nomes possuídos abstratos (habilidades, desempenho, assalto). É preciso destacar que não possuímos nenhuma hipótese específica para esta variável; contudo, ela foi controlada com o intuito de verificar se a concretude do possuído poderia influenciar a escolha das formas possessivas. Adiante, colocamos alguns exemplos retirados do *corpus*, com as formas possessivas acompanhando possuídos de aspecto concreto ou abstrato:

(37) Nome possuído concreto

- a. "É que a [*sua mesa*] é a única que não está falando de política" (Episódio: Lulonaro)
- b. "Você tinha esse ouro assim de boeira na [*tua casa*]" (Episódio: Reis magos)

(38) Nome possuído abstrato

- a. "Uma honra para mim conhecer alguém da [*sua espiritualidade*]" (Episódio: Homem sem barba)
- b. "Com essa [*tua calma*] que Pedro começou a beber, capotou o carro e quase morreu" (Episódio: Pedro)

4.2.2. Variáveis independentes extralinguísticas

(ix) O sexo dos atores/das atrizes

A primeira variável extralinguística controlada foi o *sexo dos atores/das atrizes*. É fundamental que analisemos essa variável, considerando que existem diferentes estudos sociolinguísticos que identificam a variável sexo como um fator significativo para processos variáveis de diferentes níveis (LABOV, 2001; SCHERRE & YACOVENCO, 2011; PAIVA, 2020). Além disso, atentando-se aos trabalhos que também analisaram o fenômeno em questão (SOARES, 1999; ARDUIN, 2005; PEREIRA, 2016), é possível notar que essa variável se mostrou relevante em todos os *corpora* analisados nas respectivas pesquisas. Portanto, faz-se necessário que a variável sexo seja controlada, a fim de constatar se esse fator influencia o uso das formas possessivas de 2ª pessoa em nossa amostra.

Na tese de Pereira (2016), a autora verificou que essa variável foi relevante no seu *corpus*, isto é, o sexo dos escreventes influenciava o uso das formas possessivas, levando à preferência de uma variante em detrimento de outra. Segundo a autora, os dados mais antigos de *seu* foram mais produtivos nas cartas de autoria feminina, fato interpretado pela autora como evidência do *Paradoxo do Gênero* (Labov, 2008[1972]; 2001) no fenômeno variável em questão. A hipótese do *Paradoxo de Gênero* de Labov (2001) postula que as mulheres tendem a ser mais conservadoras do que os homens no que se refere à utilização da norma padrão. Ao mesmo tempo, as mulheres costumam ser mais “progressistas” do que os homens porque adotam as novas variantes mais rapidamente quando estas não são estigmatizadas.

Considerando o fenômeno variável dos possessivos *teu* e *seu*, é importante mencionar que o possessivo *teu* é a forma possessiva mais conservadora, justamente por pertencer ao paradigma do pronome *tu*: “(...) os possessivos *teu* e *seu*, correspondentes aos paradigmas originais dos pronomes *tu* e *você*, respectivamente” (LOPES *et al.*, 2018, p.177). Por outro lado, o pronome possessivo *seu* corresponde a uma forma possessiva inovadora, uma vez que, segundo a tradição gramatical, essa é uma forma possessiva que faz referência à terceira pessoa do discurso, como afirma Lopes *et al.* (2018):

“(...) o possessivo *seu*, nos primeiros estágios do português, fazia referência somente às novas formas de 3ª pessoa (ele/ela) advindas do demonstrativo latino *ille*. A partir da entrada de *Vossa Mercê* no sistema, por volta do século XV (Marcotulio, 2015), o possessivo original de 3ª pessoa passa a compor o quadro das formas de tratamento de 2ª pessoa, em função da manutenção de propriedades da classe origem, o sintagma nominal, envolvida nesse processo de pronominalização.” (LOPES *et al.*, 2018, p.177).

Além disso, o uso do possessivo *seu* de segunda pessoa é recente na língua, considerando que seu uso se intensificou, de acordo com os dados de Pereira (2016), nos meados de 1960. É importante dizer também que o possessivo *seu* não apresenta quaisquer indícios de estigma em sua utilização, considerando que essa forma possessiva é utilizada comumente em contextos de formalidade, como, segundo Pereira (2016) “em cartas de pessoas reconhecidamente letradas e, em alguns casos, ilustres” (PEREIRA, 2016, p.116).

Sendo assim, ainda que as mulheres tendam a ser mais conservadoras no que se refere à norma padrão, elas também apresentam um comportamento mais inovador, fazendo o uso de variantes inovadoras não estigmatizadas socialmente. Isso posto, em consonância com a hipótese de Labov (2001) e a pesquisa de Pereira (2016), esperamos que as atrizes, nos esquetes analisados do *Porta dos Fundos*, tendam a adotar mais frequentemente a variante inovadora *seu*, considerando que esta não é uma forma possessiva estigmatizada.

Quanto à forma possessiva *teu*, é esperado que esta seja a variante mais produzida entre os atores do sexo masculino. Abaixo, foram colocados alguns exemplos retirados *do corpus*:

(39) Enunciados produzidos por atrizes

"Olha, mendigo, mas se você acreditar com toda a [*sua força*], todos os seus sonhos podem se realizar" (Thatiane Lopes) (Episódio: Oz)

"[*Teu nome*] está mais sujo do que a água da Cedae." (Noemia Oliveira) (Episódio: Inimigas)

(40) Enunciados produzidos por atores

Percebo que, no [*seu livro*], você, apesar de branco, meio que evita o tema da branquitude." (Yuri Marçal) (Episódio: Escritor branco)

"Meu amigo, eu não tenho nada a ver com você nem com o [*teu assalto*]!" (Estevam Nabote) (Episódio: A culpa não é minha)

(x) *A naturalidade dos atores/das atrizes*

Com relação aos atores, além do sexo, pudemos analisar também a influência geográfica no fenômeno, isto é, se a naturalidade do ator/da atriz interferiu no uso das formas possessivas *teu* e *seu*. Estudos anteriores que trabalharam com o fenômeno variável em mais de uma localidade, como os de Soares (1999) e Lopes *et al.* (2018), mostram que o uso variável dos possessivos de segunda pessoa é influenciado por fatores diatópicos. Sendo assim, essa variável foi controlada para verificar se, na sincronia atual, a naturalidade dos atores poderia influenciar a variação do fenômeno em questão.

Em Soares (1999), são analisadas, com base no *corpus* do banco de dados do VARSUL, quatro cidades do Paraná: Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco. O autor encontrou uma regularidade na distribuição das estratégias possessivas *teu* e *seu* a depender de quais influências foram estabelecidas na colonização de cada cidade. Segundo ele, como Pato Branco foi colonizada por gaúchos e catarinenses, esta apresenta um maior número de ocorrências da forma possessiva *teu*. Quanto à cidade de Londrina, por ter sido colonizada por mineiros e paulistas, esta apresenta um número significativo de ocorrências do pronome *seu*. Afirma o autor: "em São Paulo e Minas Gerais o pronome de segunda pessoa é o pronome seu (e flexões) e, dessa forma, o fato de Londrina ter sido colonizada por mineiros e paulistas poderia estar influenciando o uso desse pronome nesta localidade." (SOARES, 1999, p. 68).

Já em Lopes *et al.* (2018), os possessivos de segunda pessoa foram analisados diacronicamente, a partir de cartas pessoais brasileiras escritas entre os séculos XIX e XX. Este estudo contemplou textos produzidos em diferentes localidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Santa Catarina. Sendo assim, os autores puderam analisar a distribuição das formas possessivas *teu* e *seu* diatopicamente. A partir dos resultados, verificou-se que os documentos

produzidos no Rio de Janeiro e em Santa Catarina são os únicos, dentre os estados analisados, que apresentaram um número de dados do pronome possessivo *teu* superior ao quantitativo de dados do pronome *seu* (cf. LOPES *et al.*, 2018, p. 178).

Para fins de análise, essa variável foi subdividida em três níveis: (i) atores naturais da cidade do Rio de Janeiro, (ii) atores que nasceram no estado do Rio de Janeiro, mas fora da capital fluminense, e (iii) atores nascidos fora do estado do Rio de Janeiro, que reunia artistas naturais de sete estados brasileiros diferentes: São Paulo, Minas Gerais, Paraná (Curitiba), Goiás, Mato Grosso, Brasília e Santa Catarina. Todas essas localidades formaram um único grupo por conta de dois motivos principais. Primeiramente, por razões metodológicas: houve um número relativamente baixo de dados de atores naturais dessas localidades e, em alguns casos, nenhuma ocorrência de uma das variantes, fato que comprometeria a análise de regra variável. Além disso, e em consonância com os estudos de Lopes *et al.* (2018), como os indivíduos dessas localidades apresentam uma tendência geral a preferir a forma possessiva *seu* (fato que se confirma nos dados, como se verá mais adiante), decidimos agrupar os dados dos atores nativos dessas localidades em um mesmo fator, a fim de separá-los dos dados dos atores do Rio de Janeiro.

É importante destacar o motivo pelo qual o grupo de atores de Santa Catarina foi unificado com os demais. Embora se saiba que a tendência geral dessa localidade seja a preferência pelo uso da variante *teu* (cf. LOPES *et al.* 2018), registramos, no *corpus* analisado, uma única ocorrência, sendo esta da forma possessiva *seu*. Sendo assim, assumimos que esse dado não seria capaz de enviesar a análise estatística e optamos por computá-lo com os demais do conjunto de atores não fluminenses. Ademais, separamos o grupo dos atores do Rio de Janeiro em dois – cariocas e fluminenses – a fim de verificar se haveria alguma diferença entre os indivíduos nascidos dentro e fora da capital. É esperado, consoante a pesquisa de Lopes *et al.* (2018), que encontremos, nos dados de atores do Rio de Janeiro uma maior preferência pela variante possessiva *teu*. Abaixo, observemos alguns exemplos de frases enunciadas por atrizes e atores usando tanto a variante *seu* quanto a variante *teu*:

(41) Atores/atrizes cariocas

- a. "Como você vai seguir [*sua* vida] normalmente?" (Episódio: Sobrevivente) (Atriz: Evelyn Castro)
- b. "Qual é o [*teu* próximo desafio] aqui?" (Episódio: Ultimate option) (Ator: Antônio Tabet)

(42) Atores/atrizes fluminenses

- a. "Ninguém vai roubar [*seu* lugar] do Porta" (Episódio: Futuro Ex-Porta) (Ator: Jorge Hissa)
- b. "Olha só, cata isso aqui: ainda vou destruir [*tua* vida], hein" (Episódio: Lava Pés) (Atriz: Thatiane Lopes)

(43) Atores/atrizes não-naturais do Rio de Janeiro

a. "Amigo, com todo respeito, todo meu amor por você, fala pra [*sua* sobrinha] (...)" (Episódio: Fã de época) (Ator: Jefferson Schroeder)

b. "Nossa, que bom ouvir [*tua* voz]" (Episódio: BBB) (Ator: Joel Vieira)

(xi) *A relação interpessoal estabelecida no episódio*

Ao observar a diversidade de situações comunicativas representadas do *corpus*, julgamos importante controlar os tipos de relações interpessoais presentes nos esquetes, pois acreditamos que elas poderiam influenciar no uso das variantes possessivas. No controle dessa variável, percebemos que o *corpus* reunia cenas dialógicas entre amigos, casais, conhecidos, desconhecidos, colegas de trabalho e familiares. Cada uma dessas relações foi tratada como um nível da variável independente.

Considerando os estudos já realizados acerca do fenômeno variável em questão, como os de Arduin (2005) e Pereira (2016), é possível perceber que há uma preferência pelo emprego de *teu* em contextos em que há maior intimidade e proximidade entre os interlocutores; em contrapartida, o pronome *seu*, por possuir um caráter mais neutro, seria mais produtivo nos contextos em que há um maior distanciamento entre os interlocutores. Kato (1985) já havia sinalizado que o uso dessas variáveis seria influenciado pelo grau de intimidade, afirmando que "(...) *seu* pode indicar maior distância e *teu* maior proximidade." (KATO, 1985, p. 116).

Pereira (2016) afirma que "o uso de *teu* está relacionado à intimidade e proximidade entre os interlocutores, enquanto o pronome *seu* é empregado em contextos que mostram maior distanciamento entre os mesmos." (PEREIRA, 2016, p.164). Arduin (2005) é outra autora a postular que o uso do possessivo *teu* também é favorecido em "relações simétricas *entre iguais*" (ARDUIN, 2005, p. 116).

Como hipótese, então, prevíamos, em consonância com as pesquisas citadas, que nos tipos de interação que envolvem maior intimidade ou informalidade, como entre conhecidos, familiares, amigos e casais, o uso do possessivo *teu* seria favorecido. Quanto ao uso da forma possessiva *seu*, esta seria favorecida nas cenas em que as interações envolvem menor grau de intimidade e/ou exista certo distanciamento entre os interlocutores, como entre colegas de trabalho ou desconhecidos. A seguir, vejamos algumas frases enunciadas usando tanto a variante *seu* quanto a variante *teu* em diferentes situações dialógicas:

(44) Cena entre amigos: "Depois ainda vou ter que limpar [*teu* vômito]." (Episódio: Missão madrinha de casamento)

(45) Cena entre casais: "E esse DVD aqui, que eu achei na [*tua* cabeceira]?" (Episódio: Chato)

(46) Cena entre conhecidos: "Josi, conheço o [*teu* marido] e [*tuas* crianças]" (Episódio: Carnafirma)

(47) Cena entre desconhecidos: "Deus vai purificar [*sua* alma]." (Episódio: Pecados)

(48) Cena dentro do ambiente de trabalho: "Júlia, eu adorei o [*seu* currículo]." (Episódio: Odiadora)

(49) Cena entre familiares: "É pra você fazer o [*teu* trabalho] direito, cara." (Episódio: Missão descumprida)

(xii) *A situação de diálogo estabelecida na cena*

Seguindo o mesmo raciocínio da variável anterior, também categorizamos as situações de diálogo estabelecidas nos esquetes. Para isso, após a coleta dos dados do *corpus*, observamos que os diálogos podiam se estabelecer em duplas (apenas duas pessoas fisicamente presentes na cena), em grupo (mais de duas pessoas fisicamente presentes na cena), em público (interações com o público, através da encenação de uma gravação de stories, vídeo para o *YouTube*, gravação de vlog ou live) ou em contexto televisivo (interações com o público, através da encenação de gravação de um programa de TV, comercial de TV ou entrevista).

Tendo em vista os níveis dessa variável e em relação às variantes *teu* e *seu*, hipotetizamos que nos contextos mais formais, como nos contextos televisivos, a forma possessiva *seu* seja a mais produtiva, considerando que este possessivo está associado a usos mais neutros, justamente "por estar associado ao paradigma de *você* que, por sua vez, origina-se do tratamento de deferência *Vossa Mercê*." (PEREIRA, 2016, p.116-117). Além disso, segundo Pereira (2016), "o emprego espreado de *seu* por mulheres indica que essa forma não sofria estigma social, podendo ser até mesmo um tratamento prestigioso." (PEREIRA, 2016, p.124). Quanto ao uso de *teu*, é esperado que este siga a direção contrária, sendo mais produtivo em situações mais informais, como em uma gravação de *live* ou um vídeo para o *YouTube*. Adiante, colocamos alguns exemplos retirados do *corpus*, com as formas possessivas que ocorreram nos contextos citados anteriormente (*diálogos em dupla, em grupo, em público ou em contexto televisivo*):

(50) Diálogo em dupla: "Você vai, agora, pegar [*seus* paninho] de bunda e voltar pra Terra." (Episódio: Missão descumprida)

(51) Diálogo em grupo: "Sou da [*tua* família], não sou?" (Episódio: Família sem filtros – Despedida de Osmar)

(52) Diálogo em público: "Vai precisar de uma parcela do [*teu* auxílio emergencial]?" (Episódio: Golpe Neopentecostal)

(53) Diálogo em contexto televisivo: "E sua esposa sabe dessa [*sua* relação] com o maníaco do valão?" (Episódio: Cartela sugestiva)

4.3. Resultados gerais

Nesta seção, apresentaremos e discutiremos os resultados gerais da análise feita a partir dos dados extraídos dos esquetes. Para este fim, mostraremos, através de tabelas e gráficos, os resultados dos grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes pelo GoldVarb-X. Antes, no entanto, iremos descrever o resultado geral. Foram encontradas, no *corpus* selecionado, 773 ocorrências de pronomes possessivos de segunda pessoa do singular. Vejamos na tabela a distribuição e o percentual de ocorrências das variantes possessivas:

SEU	TEU
468/773 – 60,5%	305/773 – 39,5%

Tabela 2: Frequências e percentuais de ocorrência das variantes *seu* e *teu* no corpus selecionado.

Como é possível observar, dos 773 dados coletados, 468 dados são da forma possessiva *seu*, o que corresponde a 60,5% da amostra. Em relação à forma possessiva *teu*, foram registrados 305 dados, equivalentes a 39,5% do conjunto total. Sendo assim, o resultado geral nos mostra que tanto o pronome *seu* quanto o pronome *teu* apareceram na fala dos atores que compõem a nossa amostra de esquetes, com uma leve predominância de *seu* sobre *teu*.

Após a análise quantitativa geral (rodada “*No Recode*”), realizamos alguns ajustes nos grupos de fatores e submetemos os dados à análise de regra variável (“*Binomial, Up and Down*”) no programa *GoldVarb X*. Das doze variáveis independentes controladas, foram selecionadas como estatisticamente significativas, em ordem de relevância: (i) *a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito*, (ii) *a naturalidade dos atores/das atrizes*, (iii) *a relação interpessoal estabelecida no episódio*, (iv) *o sexo dos atores/das atrizes* e (v) *a animacidade do nome possuído*. Para fins de análise de peso relativo, adotaremos como valor de aplicação a variante *teu*.

Na sequência, apresentaremos os resultados das variáveis independentes selecionadas, seguindo a ordem de importância apontada pelo *GoldVarb X*. As frequências (de ocorrência e percentual) das variáveis não selecionadas serão apresentadas nos anexos desta monografia.

4.3.1. A forma de tratamento utilizada na posição de sujeito

A variável *forma de tratamento utilizada na posição de sujeito* foi a primeira apontada como relevante pelo programa estatístico *GoldVarb X*. Essa variável foi controlada com a intenção de observar se a forma de tratamento utilizada na posição sintática de sujeito influencia na escolha das formas possessivas *teu* e *seu*. Vejamos, na tabela 3, os resultados obtidos na análise de regra variável:

A forma de tratamento utilizada na posição de sujeito			
<i>Fatores</i>	<i>Apl./Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Forma nominal ¹	13/48	27,1%	.500
Tu/Você	104/151	68,9%	.759
Você	138/430	32,1%	.433
Zero	6/20	30%	.356
Tu	20/21	95,2%	.937
Tu/Você/Senhor	10/25	40%	.404
Você/Senhor	14/77	18,2%	.230

Tabela 3: A variável forma de tratamento utilizada na posição de sujeito: frequências, percentuais e pesos relativos.

Valor de aplicação: *teu*

Como é possível observar, nos esquetes nos quais os atores utilizaram as formas pronominais *tu* ou *tu/você* na posição de sujeito, há um grande favorecimento da forma possessiva *teu*. Foram encontradas 20 ocorrências de *teu* quando o pronome *tu* era utilizado no sujeito, correspondendo a 95,2% de frequência nesse fator e registrando um peso relativo elevado (.937). Em relação ao tratamento *tu/você* no sujeito, foram coletados 104 dados de *teu* (68,9%) nesse contexto, o que também se traduziu em um peso relativo alto (.759). Em contrapartida, o uso do possessivo *teu* é desfavorecido nos contextos nos quais as formas de tratamento *você*, *zero*, *Tu/você/Senhor* e *você/senhor* foram utilizadas. Para esses contextos, foram obtidos os seguintes pesos relativos: *você* (.433), *zero* – nenhuma forma de tratamento fora utilizada – (.356), *tu/você/senhor* (.404) e *você/senhor* (0.230).

Logo, é possível dizer que os resultados acerca dessa variável vão ao encontro de pesquisas anteriores, que apontam a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito como um fator condicionador das variantes de 2SG presentes em outros contextos morfossintáticos (MACHADO, 2011; PEREIRA, 2016; LOPES *et al.*, 2018). No caso dos

¹ Com o intuito de viabilizar a análise de regra variável, amalgamamos as ocorrências relativas ao tratamento exclusivo pela forma “senhor” às ocorrências das formas nominais.

pronomes possessivos, percebemos que a utilização mais expressiva do pronome *tu* na posição de sujeito favorece a ocorrência da variante *teu*. A seguir, vejamos alguns exemplos nos quais a forma de tratamento *tu* aparece na posição de sujeito, favorecendo assim o uso da forma possessiva *teu*:

(54) “Porra, Luiz! [**Tu**] falou que não foi no meu aniversário porque estava cuidando do [**teu cachorro**], cara.” (Episódio: Limite de amigos)

(55) “É o seguinte: [**tu**] vai se inscrever nesse canal, vai indicar mais dois [**amigos teus**] pra se inscrever nesse canal também.” (Episódio: Ordem divina)

(56) “Qual é o [**teu problema**]? [**Tu**] tem que curtir tudo de todo mundo?” (Episódio: Curtir sem curtir)

4.3.2. A naturalidade dos atores/das atrizes

A variável naturalidade dos atores/das atrizes foi a segunda apontada como relevante pelo programa estatístico *GoldVarb X*. Esse fator foi controlado com a intenção de analisar se a naturalidade dos atores poderia influenciar na escolha das formas possessivas *teu* e *seu*. A seguir, vemos na tabela 4 os resultados obtidos na análise de regra variável para esse grupo de fatores:

A naturalidade dos atores/das atrizes			
<i>Fatores</i>	<i>Apl./Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Cariocas	247/550	44,9%	.557
Fluminenses	55/170	32,4%	.485
Fora do RJ	3/51	5,9%	.093

Tabela 4: A variável naturalidade dos atores/das atrizes: frequências, percentuais e pesos relativos.
Valor de aplicação: *teu*

Como indicam as frequências e os pesos relativos, podemos dizer que os atores cariocas foram os que mais utilizaram a forma possessiva *teu* nos esquetes. Na fala deles, foram encontradas 247 ocorrências de *teu*, correspondendo a 44,9% dos usos e um peso relativo estatisticamente relevante (0.557). Em contrapartida, o uso do possessivo *teu* foi desfavorecido na fala dos atores identificados como *fluminenses* (atores que nasceram no estado do Rio de Janeiro, mas fora da capital) e como sendo de *fora do RJ* (São Paulo, Minas Gerais, Paraná [Curitiba], Goiás, Mato Grosso Brasília e Santa Catarina). Nesses contextos, foram registrados pesos relativos estatisticamente baixos: *fluminenses* (.485) e *fora do RJ* (.093).

É relevante destacar que, embora o resultado para os atores fluminenses não tenha apresentado um peso relativo acima de 0.500, notamos que a forma possessiva *teu* também foi relativamente produtiva na fala desses atores, correspondendo a um percentual de 32,4%. Em síntese, podemos dizer que a forma possessiva *teu* foi mais frequentemente produzida na fala dos atores/atrizes nascidos na cidade do Rio de Janeiro. Ademais, os resultados acerca dessa variável corroboram as pesquisas anteriores (cf. LOPES *et al.*, 2018) que apontam uma manutenção/sobrevivência da variante *teu* no Rio de Janeiro frente a outras localidades brasileiras nas quais o uso da variante *seu* se mostra majoritário (por vezes, quase categórico) na referência à 2SG. A seguir, vejamos abaixo alguns exemplos nos quais o pronome possessivo *teu* fora enunciado por atores cariocas:

(57) "Vou ter que dar uma porrada na [*tua cabeça*]" (Ator: Pedro Benevides) (Episódio: Primeiro dia)

(58) "Você já fez [*teu mapa astral*]?" (Atriz: Evelyn Castro) (Episódio: Deus é sagitário)

4.3.3. A relação interpessoal estabelecida no episódio

A variável *relação interpessoal estabelecida no episódio*, terceira variável selecionada como relevante pelo programa estatístico *GoldVarb X*, foi controlada, assim como as anteriores, com o intuito de verificar seu grau de influência para o fenômeno variável em análise. Abaixo, observemos a tabela que mostra a correlação entre esse fator e as formas possessivas *teu* e *seu*:

A relação interpessoal estabelecida no episódio			
<i>Fatores</i>	<i>Apl./Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Ambiente de trabalho	44/202	21,8%	.374
Entre casais	48/130	36,9%	.531
Entre amigos	84/155	54,2%	.563
Entre conhecidos	33/42	78,6%	.850
Entre desconhecidos	68/163	41,7%	.428
Entre familiares	28/76	36,8%	.575

Tabela 5: A variável relação interpessoal estabelecida no episódio: frequências, percentuais e pesos relativos. Valor de aplicação: *teu*

Como se pode observar, o uso da forma possessiva *teu* é favorecido em quatro relações interpessoais distintas, sendo elas, em ordem de relevância: *entre conhecidos*, *entre familiares*, *entre amigos* e *entre casais*. Em destaque, temos a relação interpessoal *entre conhecidos*, que apresentou um alto valor de peso relativo (.850). Foram encontradas,

considerando esse fator, 33 ocorrências de *teu*, correspondendo a 78,6% de frequência dos dados produzidos neste tipo de relação. Quanto à relação interpessoal *entre familiares*, foram coletados 28 dados de *teu* (36,8%), registrando um peso relativo expressivo (.575). Já nos contextos de relação *entre amigos*, foram encontrados 84 dados de *teu* (54,2%), registrando também um peso relativo significativo (.563). Por fim, temos a relação interpessoal *entre casais*, que, assim como os outros contextos analisados anteriormente, apresentou um considerável peso relativo (.531). Nesses casos, foram encontrados 48 dados de *teu*, correspondendo a 36,9% de frequência.

Por outro lado, as relações interpessoais que costumam envolver um baixo nível de intimidade entre os interlocutores, *entre desconhecidos* e *dentro do ambiente de trabalho*, não se mostraram significativas (conforme prevíamos), segundo indicam os pesos relativos baixos. Para esses contextos, foram obtidos os seguintes valores: *entre desconhecidos* (.428) e *dentro do ambiente de trabalho* (.374).

Em consonância com os estudos realizados acerca do fenômeno variável em questão (ARDUIN, 2005; PEREIRA, 2016), foi observado, então, que há uma maior preferência do emprego do possessivo *teu* em contextos nos quais há um maior nível de intimidade e proximidade entre os interlocutores. A seguir, observemos então o uso do pronome possessivo *teu* nos contextos de relações interpessoais relevantes citados acima:

(59) “Moletom cinza em você realça o [*teu olhar*], sabia?” (Cena *entre casais*) (Episódio: Apelidos)

(60) “Você me deixa esse [*teu filho*] largado aí.” (Cena *entre amigos*) (Episódio: Nelly à venda)

(61) “Opa, é o Paulo. [*Teu vizinho*] aqui de baixo.” (Cena *entre conhecidos*) (Episódio: Foda assistida)

(62) “Compartilha [*teu 4G*] comigo, Jane.” (Cena *entre familiares*) (Episódio: Família sem filtros EP.06 – O resgate)

4.3.4. O sexo dos atores/das atrizes

Em relação ao *sexo dos atores/das atrizes*, quarta variável a ser selecionada pelo programa estatístico *GoldVarb X*, destacamos que esta também foi analisada com o intuito de observar se o sexo dos atores e das atrizes poderia influenciar na escolha das estratégias possessivas *teu* e *seu*. Vejamos na tabela 6 os resultados obtidos na análise de regra variável para esse grupo de fatores:

O sexo dos atores/das atrizes			
<i>Fatores</i>	<i>Apl./Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Homem	240/513	46,8%	.567
Mulher	65/260	25%	.370

Tabela 6: A variável sexo dos atores/das atrizes: frequências, percentuais e pesos relativos.
Valor de aplicação: *teu*

Como é possível observar, os dados apontam para o favorecimento do uso da forma possessiva *teu* na fala dos atores (sexo masculino). Foram encontradas 240 ocorrências do possessivo *teu*, equivalentes a 46,8% de frequência, e um peso relativo elevado (0.567). Por outro lado, o uso da forma possessiva *teu* parece ter sido desfavorecido na fala das atrizes. Nos dados produzidos por elas, foram encontradas apenas 65 ocorrências de *teu*, correspondendo a 25% de frequência nesse fator, e registrando um peso relativo baixo (.370). Sendo assim, os resultados sinalizam que, no *corpus* analisado, o uso da variante *seu* está mais associado à fala das mulheres/atrizes, enquanto *teu* está mais associada à fala dos homens/atores.

O resultado obtido vai ao encontro da pesquisa de Pereira (2016), que, ao analisar a variação dos pronomes possessivos *teu* e *seu*, observou que os dados mais antigos de *seu* foram mais produtivos nas cartas de autoria feminina. Em suma, os resultados gerais apontam que a forma possessiva *seu* é mais produtiva entre as mulheres/atrizes. Em contrapartida, a forma possessiva *teu* é mais utilizada na fala dos homens/atores dos esquetes analisados. Observemos abaixo alguns exemplos de ocorrências enunciadas pelos atores e atrizes do Porta dos Fundos:

(63) “Carlos, à [*sua esquerda*] tem um homem que trabalha aqui” (Atriz: Karina Ramil) (Episódio: Invisível)

(64) “Cara, [*tua filha*] é muito linda!” (Ator: Fábio de Luca) (Episódio: Bebê gênio)

Posto isso, outra pergunta precisa ser respondida: considerando o número de atores da amostra, essa influência na frequência da forma possessiva *teu* se dá a partir de todos os homens? E a preferência pelo pronome possessivo *seu*, se verifica nos dados de todas as mulheres? Para verificar essas questões, analisemos os gráficos 3 e 4 nos quais podemos observar a distribuição das estratégias possessivas a depender de cada ator/atriz.

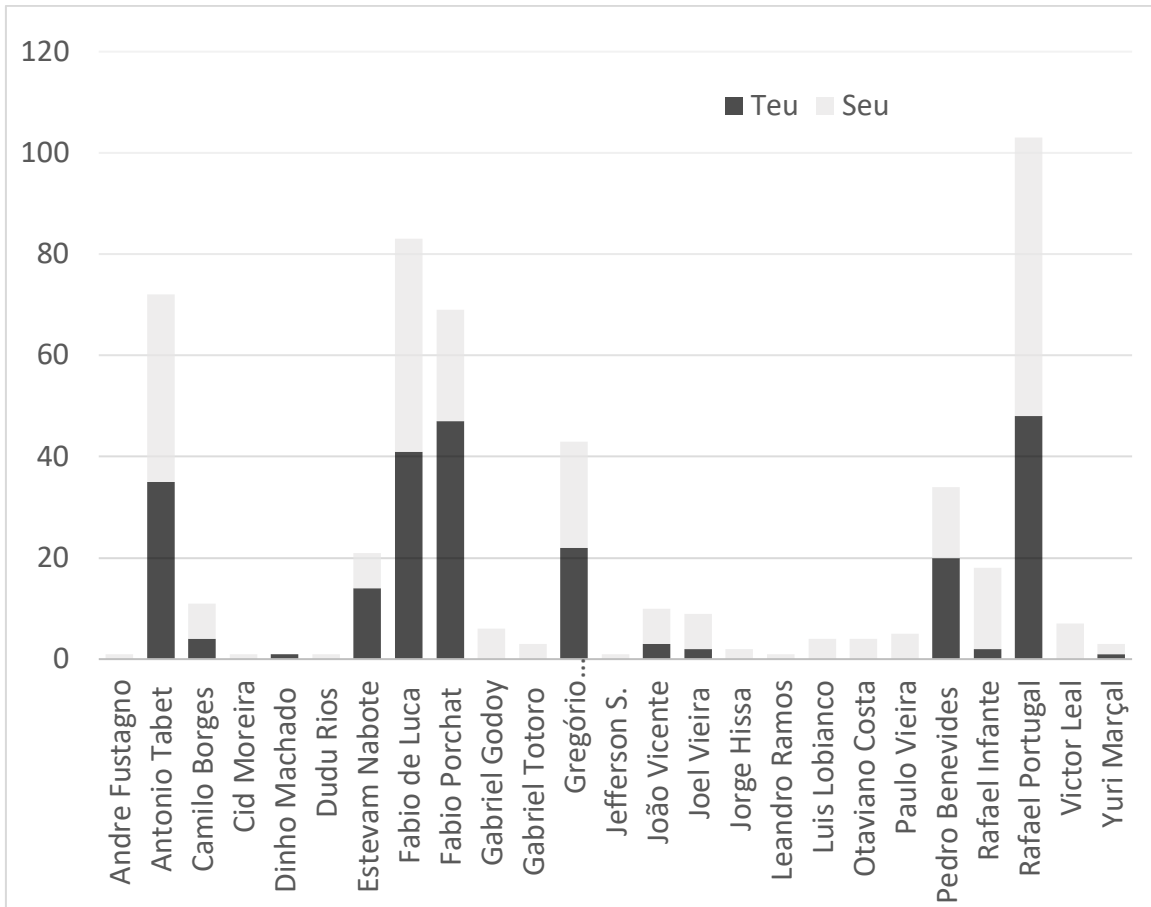


Gráfico 3: Distribuição das formas possessivas considerando cada ator do sexo masculino.

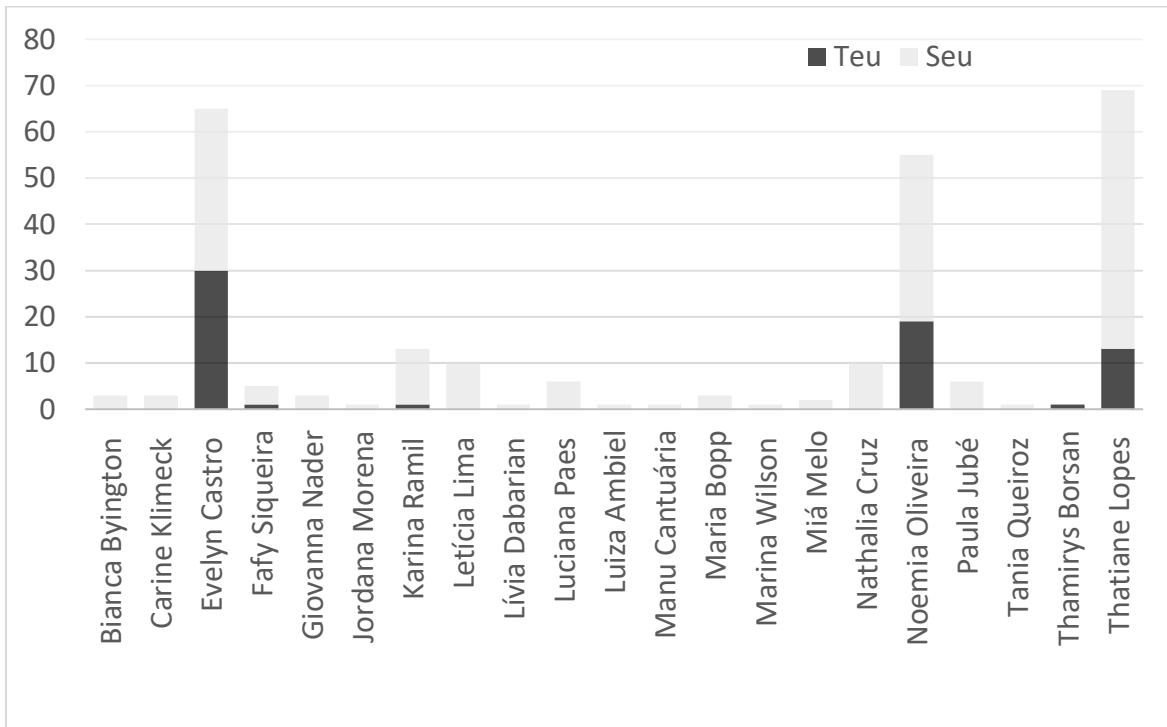


Gráfico 4: Distribuição das formas possessivas considerando cada atriz do sexo feminino.

Ao analisar os resultados organizados em ambos os gráficos, percebemos que a preferência das mulheres pela forma possessiva *seu* é algo predominante entre as atrizes: das 21 atrizes presentes na amostra, apenas 6 produziram enunciados com o possessivo *teu*, resultando assim um gráfico 4 predominantemente branco, o que evidencia a alta frequência do pronome *seu* na fala das atrizes também se olhamos individualmente. Em contrapartida, muitos homens/atores produziram a forma possessiva *teu*, alguns mais do que outros. Por isso, o gráfico 3, que considera apenas os homens/atores, por exibir uma variação mais intensa entre as formas possessivas *teu* e *seu*, se apresenta de forma mais equilibrada, sendo mais proporcional visualmente, com a presença das cores preta e branca.

4.3.5. A animacidade do nome possuído

Por fim, analisemos a quinta e última variável selecionada pelo programa *GoldVarb X*. Esse fator foi escolhido para ser analisado com o intuito de verificar se a *animacidade do possuído* poderia interferir no uso de uma das variantes possessivas em questão. Abaixo, observemos a tabela 7 com a correlação do fenômeno variável em questão em cruzamento com a animacidade do possuído:

A animacidade do nome possuído			
<i>Fatores</i>	<i>Apl./Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Animado	93/204	45,6%	.605
Inanimado	212/569	37,3%	.462

Tabela 7: A variável animacidade do nome possuído: frequências, percentuais e pesos relativos.
Valor de aplicação: *teu*

Como é possível observar na tabela 7, o uso do pronome possessivo *teu* foi favorecido nos contextos em que os nomes possuídos eram semanticamente animados. Foram encontradas 93 ocorrências de *teu* quando os possessivos acompanhavam um possuído de traço [animado], correspondendo a 45,6% de frequência nesse fator, e registrando um expressivo peso relativo (.605). Em relação aos nomes possuídos de traço [inanimado], observamos que estes desfavoreciam o uso do possessivo *teu*, tendo em vista que, na amostra, foram encontrados 212 (37,3%) dados de *teu* nesse contexto, o que se traduziu em um peso relativo (.462).

Como previsto, os resultados apontam para o favorecimento da forma possessiva *teu* quando este acompanhava um nome possuído que apresenta um traço [animado]. Já o uso do pronome possessivo *seu* era favorecido quando este acompanhava um nome

possessivo de traço [inanimado]. Sendo assim, nossos resultados estão em consonância com os de Pereira (2016), que também previa que a forma possessiva *seu* seria mais produtiva nos contextos nos quais o nome possuído é inanimado. Vejamos abaixo alguns exemplos de ocorrências dos possessivos acompanhando nomes possuídos semanticamente animado e inanimado:

(65) Nome possuído animado: “[*Tua tia*] Gervásia fez uma postagem política, hein.” (Episódio: Curtir sem curtir)

(66) Nome possuído inanimado: "Mas ô, Aurélio, você não quer ver como é que ficou [*seu quarto*]?" (Episódio: Volta pra casa)

5. Considerações finais

O presente trabalho objetivava investigar o uso das formas possessivas *teu* e *seu* de 2ª pessoa do singular a partir de dados do português brasileiro do século XXI. Para tal, utilizamos um conjunto de esquetes humorísticos do canal *Porta dos Fundos* como *corpus*, registrando o uso dos possessivos enunciados pelos atores em suas falas nos vídeos disponíveis no YouTube. Como fundamentação teórica, adotamos os pressupostos gerais da Sociolinguística Variacionista Laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972; 1974).

Sendo assim, averiguamos como as formas *seu* e *teu* se distribuem na amostra, além de analisar que fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o uso das formas possessivas em foco. Como ponto de partida, revisitamos algumas gramáticas tradicionais (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2017; ROCHA LIMA, 2011), a fim de verificar o que é descrito/prescrito no que tange ao quadro pronominal. Com isso, constatamos que não há a inclusão da forma possessiva *seu* como pronome possessivo de 2ª pessoa nesses compêndios gramaticais, sendo apenas a forma possessiva *teu* prevista como estratégia possessiva de 2ª pessoa do português.

Depois, foram revisitados alguns estudos linguísticos que investigaram a variação das formas possessivas *teu* e *seu*, como os de Machado (2011) e Pereira (2016). Em Machado (2011), a autora analisou o comportamento das formas de tratamento ao interlocutor no Português brasileiro e europeu em peças teatrais. Como Machado (2011) buscava analisar se o aumento do uso do pronome *você* na posição de sujeito teria influenciado o uso das formas possessivas simples, como o *teu* e o *seu*, a autora acabou por registrar também a distribuição e o comportamento variável dos pronomes possessivos *teu* e *seu* ao longo de dois séculos. Já Pereira (2016), em sua tese, tinha como enfoque as duas variáveis possessivas *teu* e *seu* e as analisou a partir de cartas pessoais brasileiras produzidas entre os séculos XIX e XX.

Na sequência, ao descrever os procedimentos metodológicos da monografia, alguns aspectos do estudo foram apresentados e justificados, como o *corpus*, os atores que compõem o *corpus* e o gênero esquete. Em seguida, descrevemos e explicamos as variáveis controladas, apontando, já na seção de análise dos resultados, quais delas foram selecionadas como relevantes para o fenômeno variável segundo o programa GoldVarb-X.

Buscávamos responder duas perguntas principais: (i) como se dá a distribuição das formas variantes *teu* e *seu* sincronicamente? e (ii) quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação entre os possessivos *teu* e *seu*? Como esperávamos, e em consonância com os resultados de Machado (2011), em termos gerais, foram encontradas 773 ocorrências de possessivos de 2SG, com o predomínio da variante *seu* sobre *teu*: 60,54% (468 dados) daquela frente a 39,46% (305 dados) desta. No que se refere aos fatores controlados, das 12 variáveis independentes analisadas, apenas cinco foram apontadas como significativas na análise estatística: *a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito, a naturalidade dos atores/das atrizes, a relação interpessoal estabelecida no episódio, o sexo dos atores/das atrizes e a animacidade do nome possuído*.

Em linhas gerais, verificamos que, no conjunto de esquetes investigado, a variante *teu* teve seu uso favorecido (i) quando os atores utilizavam, na posição de sujeito, apenas o pronome *tu* ou este em variação com *você*; (ii) na fala de atores naturais da cidade do Rio de Janeiro; (iii) em relações interpessoais mais íntimas/informais; (iv) na fala dos homens/atores e (v) quando o nome possuído ao qual se relacionava possuía o traço semântico [animado]. A variante *seu*, por sua vez, teve seu uso favorecido no *corpus* (i) quando os atores utilizavam, na posição de sujeito, *você, senhor/senhora*, formas nominais (exclusivamente ou variando entre si) ou ainda quando não utilizam nenhum tratamento específico; (ii) na fala de atores nascidos fora da capital fluminense e, principalmente, fora do estado; (iii) em relações interpessoais menos íntimas/informais; (iv) na fala das mulheres/atrizes e (v) quando o nome possuído ao qual se relacionava possuía o traço semântico [inanimado].

Em síntese, ainda que o *corpus* escolhido apresente suas limitações (como qualquer conjunto de dados), comentadas na seção de metodologia, ele possibilitou a testagem e verificação das hipóteses investigadas na presente monografia, permitindo, desse modo, que os objetivos propostos fossem cumpridos. Nossos resultados demonstram que, na sincronia atual, ainda encontramos um intenso quadro de variação entre as formas possessivas *seu* e *teu* e que existem fatores de natureza linguística e extralinguística, como as variáveis controladas nesta pesquisa, que condicionam o uso e a distribuição das variantes do fenômeno variável em questão.

6. Referências bibliográficas

- ARDUIN, Joana. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Florianópolis, 2005.
- BECHARA, Evanildo. 1928 – Moderna gramática portuguesa. Conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 7ª. ed., reimpr. — Rio de Janeiro. Lexikon, 2017.
- GUEDES, Dailane Moreira. Possessivos simples e perifrásticos no português brasileiro: investigando a 3ª pessoa. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- KATO, Mary A. *A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. D.E.L.T.A., Vol. 1, n. 1 e 2, 1985 (107-120)
- LABOV, William. Principles of linguistic change: internal factors. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1994
- LABOV, W. Principles of Linguistic Change: Social Factors. Oxford, Blackwell, 2001.
- LACERDA, Patrícia Fabiane A. da Cunha. *A implementação do possessivo 'dele' na língua portuguesa*. Veredas on line: Juiz de Fora, p. 20-35, 2010.
- LIMA, Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LOPES, Célia Regina. GUEDES, Dailane Moreira. *Formas possessivas de terceira pessoa: confrontando seu e dele a partir da abordagem experimental*. N.º 58 – 1º semestre de 2020 – Rio de Janeiro
- LOPES et al, Célia Regina. *A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais*. Capítulo 2 da coleção História do Português Brasileiro vol. 4. Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. Editora Contexto; 1ª edição, 2018.

MACHADO, Ana Carolina Morito. As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2011.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ª ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

PAIVA, Maria da Conceição. Capítulo 4 - *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga. 4ª ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2016.

PERINI, Mário A. *O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional*. Universidade Federal de Minas Gerais. D.E.L.T.A., Vol. 1 n. 1 e 2, 1985, (1-16)

SCHERRE, Marta Pereira. YACOVENCO, Lilian Coutinho. *A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco*. Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte 2011

SILVA, Giselle M. O. *Variação no sistema possessivo da terceira pessoa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. *Segunda e Terceira Pessoa – O PRONOME POSSESSIVO EM QUESTÃO: Uma análise variacionista*. Curitiba, 23 de julho de 1999.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Esquete: Caracterização de um gênero oral e sua possível correlação com outros gêneros*. Olhares & Trilhas. Uberlândia: vol. 19, n.2, jul./dez/ 2017.

WEINREICH, Uriel. LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. University of Texas Press. 1968.

7. Anexos

Abaixo serão apresentadas duas tabelas que mostram a distribuição e o número de ocorrências das formas possessivas produzidas pelos atores e atrizes do *corpus* selecionado.

Emissor do dado	Número de dados	
	Teu	Seu
Andre Fustagno	0	01
Antonio Tabet	35	37
Camilo Borges	04	07
Cid Moreira	0	01
Dinho Machado	01	0
Dudu Rios	0	01
Estevam Nabote	14	07
Fabio de Luca	41	42
Fabio Porchat	47	22
Gabriel Godoy	0	06
Gabriel Totoro	0	03
Gregório Duvivier	22	21
Jefferson S.	0	01
João Vicente	03	07
Joel Vieira	02	07
Jorge Hissa	0	02
Leandro Ramos	0	01
Luis Lobianco	0	04
Otaviano Costa	0	04
Paulo Vieira	0	05
Pedro Benevides	20	14
Rafael Infante	02	16
Rafael Portugal	48	55
Victor Leal	0	07
Yuri Marçal	01	02

Emissora do dado	Número de dados	
	Teu	Seu
Bianca Byington	0	03
Carine Klimeck	0	03
Evelyn Castro	30	35
Fafy Siqueira	01	04
Giovanna Nader	0	3
Jordana Morena	0	01
Karina Ramil	01	12
Letícia Lima	0	10
Lívia Dabarian	0	01
Luciana Paes	0	06
Luiza Ambiel	0	01
Manu Cantuária	0	01
Maria Bopp	0	03
Marina Wilson	0	01
Miá Melo	0	02
Nathalia Cruz	0	10
Noemia Oliveira	19	36
Paula Jubé	0	06
Tania Queiroz	0	01
Thamirys Borsan	01	0
Thatiane Lopes	13	56

A seguir, serão apresentadas as frequências (de ocorrência e percentual) das variáveis não selecionadas.

- Variável não selecionada: (i) *o gênero do possessivo* (F: feminino/M: masculino).

Group		T	S	Total	%
1 (2)		T	S		
F	N	141	207	348	45.0
	%	40.5	59.5		
M	N	164	261	425	55.0
	%	38.6	61.4		
Total	N	305	468	773	
	%	39.5	60.5		

- Variável não selecionada: (ii) *o número do possessivo* (S: singular/P: plural).

		T	S	Total	%
2 (3)		T	S		
S	N	282	432	714	92.4
	%	39.5	60.5		
P	N	23	36	59	7.6
	%	39.0	61.0		
Total	N	305	468	773	
	%	39.5	60.5		

- Variável não selecionada: (iii) *a posição do pronome em relação ao nome modificado* (A: antes/D: depois/N: nulo/P: predicativo).

		T	S	Total	%
3 (4)		T	S		
A	N	288	442	730	94.4
	%	39.5	60.5		
D	N	8	11	19	2.5
	%	42.1	57.9		
N	N	3	10	13	1.7
	%	23.1	76.9		
P	N	6	5	11	1.4
	%	54.5	45.5		
Total	N	305	468	773	
	%	39.5	60.5		

- Variável não selecionada: (v) *a função sintática do nome possuído* (D: objeto direto/ B: oblíquo/ S: sujeito/ P: predicativo do sujeito/ I: objeto indireto/ A: adjunto/ T: tópico).

5 (6)		T	S		
D	N	83	140	223	29.1
	%	37.2	62.8		
B	N	75	92	167	21.8
	%	44.9	55.1		
S	N	65	109	174	22.7
	%	37.4	62.6		
P	N	32	37	69	9.0
	%	46.4	53.6		
I	N	6	9	15	2.0
	%	40.0	60.0		
A	N	32	60	92	12.0
	%	34.8	65.2		
T	N	12	15	27	3.5
	%	44.4	55.6		
Total	N	305	462	767	
	%	39.8	60.2		

- Variável não selecionada: (vi) *o tipo semântico de posse* (C: parte do corpo/ A: abstrato/ R: propriedade/ X: outros/ P: parentesco).

6 (7)		T	S		
C	N	63	53	116	15.0
	%	54.3	45.7		
A	N	39	75	114	14.7
	%	34.2	65.8		
R	N	58	122	180	23.3
	%	32.2	67.8		
X	N	58	107	165	21.3
	%	35.2	64.8		
P	N	87	111	198	25.6
	%	43.9	56.1		
Total	N	305	468	773	
	%	39.5	60.5		

- Variável não selecionada: (viii) *a concretude do nome possuído* (C: concreto/ A: abstrato).

8 (9)		T	S		
C	N	230	323	553	71.5
	%	41.6	58.4		
A	N	75	145	220	28.5
	%	34.1	65.9		
Total	N	305	468	773	
	%	39.5	60.5		

- Variável não selecionada: (xii) *forma de diálogo estabelecida na cena* (D: dupla/ G: grupo/ P: público/ T: TV).

12 (13)		T	S		
D	N	182	257	439	56.9
	%	41.5	58.5		
G	N	104	150	254	32.9
	%	40.9	59.1		
P	N	10	7	17	2.2
	%	58.8	41.2		
T	N	9	52	61	7.9
	%	14.8	85.2		
Total	N	305	466	771	
	%	39.6	60.4		
